O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Portugal e Hespanha: anno 1$300; semestre 650. Colonias portuguezas, salvo quando os assignantes mandem pagar directamente, 1$600. Extrangeiro, exceptuando Hespanha, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 25 DE SETEMBRO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal 120 réis a linha. Primeira pagina 1$000 réis. Ultima pagina — pagina d'annuncios — 40 réis a linha. Em qualquer pagina a linha é contada em columna d'annuncio.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Nº 1:379

MÃE E FILHO

Outro epistolographo.

Este diz-me: «Mas a rainha é mãe!»

Mas a rainha é mãe!

Mãe era D. Brites de Moura. E, comtudo, não aconselhou o filho a transigir, a abdicar, a rebaixar-se, a calcar aos pés o seu orgulho, a dignidade das suas funcções, a dignidade do seu nome para conservar a vida, ou viver vida facil e rendosa. Não. Fez o contrario. Gritou bem alto: arrisca a tua vida, joga o teu emprego, mas cumpre nobremente o teu dever de filho, de funccionario e de cidadão. **«Se intentaes manchar e deslustrar o nome que tendes, embebei-me primeiro um punhal no peito, que não quero sobreviver á vossa infamia.»**

A rainha é mãe!

Mãe era D. Filippa de Vilhena. E, com o sorriso nos labios, embora com a tortura no coração, afivelava a espada a seus dois filhos mandando-os para a morte.

Para a morte, sim. Quem esperava, quem poderia esperar que d'aquella terrivel aventura surgisse a vida ou a gloria? Para a morte, sim. E, por isso, dizia: *Ide, meus filhos, ide, sem me levardes na lembrança. Que é mais bello morrer pela patria que viver para sua mãe.*

A rainha é mãe!

Mãe era D. Marianna de Lencastre, que, engulindo heroicamente as lagrimas, abençoava os seus filhos, clamando singelamente: *Marchae!*

Mas, dir-me-hão, tratava-se, então, de um combate, e de um combate pela patria.

E de que se trata agora, alcaiotes? O que é isto, senão o mais fero dos combates? O que se defende, senão os interesses da patria?

Alcaiotes!

Eu nunca discuti, nem discuto, interesses partidarios. Eu não proferi, ainda, uma palavra, sobre a fornada dos pares. Eu disse ao rei: seja regenerador ou progressista, nacionalista ou franquista, clerical ou anti-clerical, mas mantenha a dignidade do poder, a dignidade das suas funcções, o prestigio da lei, o principio da auctoridade.

Se eu tratasse de interesses partidarios, eu sabia muito bem como havia de deitar o ministerio abaixo. Levava aqui d'Aveiro meio duzia de varinos e meia duzia de panellas pretas, de barro de Arada. Comprava n'um guarda roupa, ou pedia-as emprestadas ao Julinho de Moura, meia duzia de barbas de theatro. Alugava ahi em Lisboa meia duzia de malandros, collava-lhes aos queixos as barbas, punha-lhes as panellas á cabeça, com uma vela accesa dentro, depois de ter feito nas mesmas dois buracos, embrulhava-os nos varinos, e mandava-os, assim, de noite, passear pela matta das Necessidades. Entretanto, um setimo malandro subia ao telhado, e berrava, pela chaminé abaixo, a fazer d'alma penada.

O ministerio estava em terra. O ministerio não se deita abaixo com razões, com argumentos, com a prova fulminante de que elle arrasta pelo lodo dos bordeis a dignidade do poder. O ministerio deita-se abaixo com o espectro do Buissa, já o temos dicto, e com bombas de pataco. Os do bloco são uns asnos.

O ministerio deita-se abaixo com as manigancias do da Rede e os *trucs* grosseiros do de Alijó.

Eu já referi o dicto pittoresco de José Estevão quando, em certa occasião, lhe apresentaram uma lista dos seus partidarios. «Isto não está bem, clamou, rapido, o tribuno impetuoso. Aqui falta canalha. Elles — referindo-se aos adversarios — teem muita canalha e nós não temos canalha nenhuma. Canalha, canalha! Arranjem canalha! Precisamos de canalha!»

Eis, pittorescamente dicta, uma grande verdade.

A força dos dissidentes, dos republicanos, dos teixeiristas é a canalha. Nos dissidentes e nos republicanos, sobretudo, desde o Alpoim e desde o Affonso Costa até ao ultimo João Borges, tudo é canalha. Elles vencem á força de processos de canalha. A canalhice permanente é a sua grande arma. Enredam, intrigam, calumniam, mentem, berram, quebram urnas, roubam cadernos de recenseamentos, empalmam listas, espancam eleitores, despedaçam carteiras na camara dos deputados, arranjam pavorosas, atiram bombas á porta das egrejas, dão coices, mordem, tudo, tudo, quanto ha de mais infame, de mais vil, de mais repugnante, attribuindo a culpa aos adversarios.

Quem lançou as bombas á porta de S. Luiz e da egreja do Corpo Santo foram os padres. Quem roubou e matou na Covilhã foram os do bloco. Quem praticou violencias em Castello Branco e na Guarda não foi o bandido Motta Veiga nem o malandrão Costa Ornellas. Foram os do bloco. E assim por deante.

Toda essa canalha esbarra contra um homem, quando encontra um homem pela frente. Um homem que os despreze, emquanto não o incommodem, e que os mande, depois, correr a chicote. Um homem no poder, um homem no throno seria o sufficiente para que a canalha mordesse a terra, impotente, embora escumando de raiva. Mas se em vez d'um homem encontra um menino, não ha maneira de a derrotar. A não ser pelos seus processos ignobeis.

Eu não discuti, pois, nem discuto, interesses partidarios. Eu não pretendi, nem pretendo, derribar o ministerio. Eu não espero, mesmo, fazer ouvir ao rei a voz da verdade. Quem torto nasce tarde ou nunca se endireita. O que o berço dá a tumba o leva. Nós não temos rei. Eu disse-o logo na queda do ultimo ministerio e os factos não teem feito senão confirmar essa verdade. Nós não temos, nós não teremos rei. *Está vaga a suprema magistratura da nação.* O que resta? Appellar para o elemento intelligente e honesto do paiz e dizer-lhe: attendam bem, que isto não pode, de modo algum, continuar.

A esse é que nós nos dirigimos. E' para esse que falamos.

Isto não pode de modo algum continuar.

A questão foi posta lealmente n'este *Povo de Aveiro*. Sem sophismas, sem rodeios, como é proprio da nossa intelligencia e do nosso caracter. Que se incline o rei para quem quizer. Que faça favores politicos a quem quizer. Que vá para a direita, que vá para a esquerda. Que faça politica conservadora ou politica radical. Politica mansa ou politica brava. Como quizer. Como lhe aprouver. Comtanto que mantenha o principio da lei, o principio da auctoridade, o prestigio do poder, porque assim importa á dignidade e aos interesses da nação.

Isto é claro, é correcto, é leal. Ninguem nos pode exigir mais clareza, mais lealdade, maior correcção.

O rei e sua illustre mãe teem deante de si dois caminhos a seguir: o dos seus interesses particulares e o dos interesses da nação. O rei quer viver tranquillo? Abdique. Não se quer ralar? Abdique.

Abdique. Vá-se embora. Vá passear. E' rico. Não só não corre o perigo da miseria como tem, ainda, muito com que gosar. Que mais quer? Vá gosar, vá-se divertir, vá passear. Mas viver aqui, e sentado no throno, á custa de todas as abdicações, á custa de todas as transigencias humilhantes, e só pelo espirito de não se ralar, de não se incommodar, ou porque não tem coragem para luctar, é que não. Isto não é patrimonio de seu filho, rainha de Portugal. Isto é patrimonio de nós todos. E todos temos obrigação de o zelar e de o honrar.

Em paiz algum do mundo, havemos de dize-lo incessantemente, se viu o que se está vendo em Portugal. Em paiz algum do mundo um administrador de concelho entrou n'uma casa particular, para fazer ahi um registo civil ou praticar outro qualquer acto official, estando arvorada n'esse edificio a bandeira monarchica sob o regimen republicano ou a bandeira republicana sob o regimen monarchico. Em paiz algum do mundo um governador civil jantou com um chefe revolucionario, estando arvorada no alto do edificio uma bandeira monarchica sob o regimen republicano ou uma bandeira republicana sob o regimen monarchico, e trocando brindes governador civil e chefe revolucionario ao som do hymno monarchico em terra republicana ou ao som do hymno republicano em terra monarchica. Em paiz algum do mundo o poder se acocorou deante d'um general monarchico sob o regimen republicano, e a favor d'elle commettendo as ultimas illegalidades e as ultimas indignidades, ou deante d'um general republicano sob o regimen monarchico. Em paiz algum do mundo foi concedida amnistia a jornalistas monarchicos em regimen republicano ou a jornalistas republicanos em regimen monarchico, falando elles como dominadores, apregoando elles com propositada insistencia a revolução, tratando o poder a pontapés e injuriando gravemente, fiados na mesma amnistia e com insolencia e espantoso cynismo apregoando-o, as proprias auctoridades que os processaram. Emfim, em paiz algum do mundo se viu dictar a lei os assassinos de um chefe de Estado e na vigencia do regimen e da dynastia que representava esse chefe do Estado.

Isso não é politica clerical, nem politica anti-clerical; não é politica conservadora nem politica radical; não é politica mansa nem politica brava; não é politica republicana nem politica monarchica. Isso é politica de canalhas, isso é politica de pulhas, isso é uma infamia, isso é uma vergonha, isso é uma garotice e uma garotada ignobil. Isso é uma ignominia para republicanos e monarchicos.

Tão pulhas são os republicanos que acceitam e reclamam uma situação d'essas, como os monarchicos que a concedem e os monarchicos que a toleram de braços cruzados. Isso é uma choldra, um relaxamento, uma desmoralisação, a prostituição mais funda e abjecta. Se um rei não serve para lhe pôr termo, para que precisamos nós de rei, para que estamos nós aqui, com todo o privilegio e todas as despesas que elle representa, a aturar um rei? Se é precisa uma revolução para derribar o ministerio, que insensato paiz é este, que não faz, então, uma revolução para derribar o rei?

Eis a questão, posta, repetimos, com toda a lealdade, com toda a clareza, com toda a logica e razão.

O rei serve, precisamente, para evitar que degenere em quadrilha um governo. Para impedir que elle calque aos pés os principios da lei, do decôro publico, da dignidade nacional. Para se oppôr áquelles abusos que affrontam os mais simples rudimentos da moral. O rei serve para evitar successivas e continuas revoluções, corrigindo os desmandos do poder e fiscalisando a lei. Não quer ou não pode desempenhar esse papel? Rua! Então abdique! Então vá gosar! Então vá passear!

Mãe! Sua Majestade a rainha é mãe! *Mãe são todas as que teem filhos.* E, dicto isto, fica dicto que correm perigos e estão sujeitas a dores e soffrimentos todas as mulheres em geral e as da patria portugueza em especial.

Mães são aquellas cujos filhos hão de offerecer os peitos ás balas para castigar desmandos ou evitar desastres que não teriam levado os homens d'esta terra a taes extremos se o filho da rainha usasse de mais algum tacto e de mais alguma energia. Mães são aquellas que hão de chorar ámanhã uma intervenção extrangeira ou outro qualquer cataclismo, porque a rainha e seu filho em vez de servirem a sua honra e os interesses da patria se quedaram, egoistas, a olhar exclusivamente para a carabina do Buissa.

Mãe? Não profanemos esse nome, alcaiotes. Emmudecei, pagens do Cricas. Ha mães que perdoam. Mas nunca houve mãe alguma que abrisse os braços aos assassinos de seu filho.

Mãe era D. Brites de Moura. Mãe era D. Filippa de Vilhena. Mãe era D. Marianna de Lencastre. Mães, matronas, fidalgas e... portuguezas. A senhora D. Amelia não é mãe, nem matrona, nem rainha, nem portugueza, nem... franceza. Empallidece de tristeza a França, paiz classico do cavalheirismo. Nem franceza! E o sr. D. Manuel nem é filho, nem é irmão, nem é cidadão, nem é rei.

São dois productos hybridos, que a historia julgou, condemnou e fulminou... para sempre.

Façam já o que fizerem.

Para sempre!

E toda a gente

Diz o Margarido:

Foi hontem distribuida em Lisboa uma folha solta contendo apenas estes dizeres em grandes caracteres negros:

«Povo alerta! João Franco Dictador conspira em Lisboa. Vasconcellos Porto conspira em Paris. D. Miguel é seu rei!»

Falta apenas dizer que o sr. José Luciano e todo o *blóco* dão o seu apoio a esta conspirata.

Dão. Devem dar. E toda a gente. Mais vale ser governado pelo D. Miguel que pelo Margarido.

Ninguem hesita.

Uma imagem do França

Sob o titulo *Querem a gamela baixa*, assim se descreve o França a si mesmo:

«No meu paiz todos trabalham, o industrial, o commerciante, o politico, o litterato, o aristocrata, o rico, o plebeu e o pobre; só não trabalha o pôrco; e quando o proprietario do pôrco, por qualquer motivo, lhe não enche a gamela, ronca, espalha á volta a immundicie do chiqueiro e morde.»

Está certo. E é uma imagem completa!

E' dever dos doidos... fazer doidices

O grande Miguel escreve ao grande Margarido:

Meu caro sr. França Borges: — Permitte-me que conteste a completa veracidade da noticia que, a respeito de Rilhafolles, veio no "Mundo„ de hoje? Não houve mordaças nem creados salvadores. O que apenas se passou foi uma scena de lucta com um doente furioso, em que intervieram dois enfermeiros e um creado e em que todos cumpriram o seu dever: — até o doido, visto que é dever de doidos fazer doidices. Se no seu jornal livesse duas palavras de rectificação, muito lhe agradeceria o seu correligionario obrigadissimo e admirador — Miguel Bombarda.

E' dever dos doidos fazer doidices.

A Emilia, que estava ao lado, commenta:

— E' a primeira vez que oiço uma coisa acertada a este raio d'este estafermo. Até se diz teu admirador!

Amor na enfermaria

Sob este titulo, escreve o orgão official da prostituição nacional:

Contam-nos que um reverendo Emiliano, ao serviço do hospital de S. José, foi ha dias surprehendido em flagrante scena de luxuria na enfermaria de Santa Izabel. Houve doentes e empregados que o viram beijocar soffregamente uma galante convalescente que decerto por *timidez* não protestava contra os seus *ataques*. O caso produziu escandalo, segundo nos affirmam ainda. O director da enfermaria, sr. dr. Esteves da Fonseca, communicou-o ao enfermeiro-mór. Mas até hoje não houve o menor procedimento contra o santo padre, que continúa naturalmente a tirar todo o partido que póde da sua situação. O sr. enfermeiro-mór tinha dois caminhos a seguir: suspender o padre que é alli um funccionario para todos os effeitos e communicar o seu delicto ao patriarcha ou fingir que não chegara o caso ao seu conhecimento, se o quizesse desculpar. O sr. Curry preferiu talvez esta solução mais simples e mais commoda.

Que remedio tem o pobre do sr. Curry Cabral! Então se elle vae proceder contra o padre, porque este deu um beijo n'uma convalescente, o que ha de elle fazer ao Bombarda, que mette no hospital de Rilhafolles os maridos das amantes e que deixa o filho... *soprar* as enfermeiras, como se fôra o Divino Espirito Santo?

Bandidos! Grandes bandidos!

O 606

Escreve alguem na nova *Corneta do Diabo:*

A «avariose» tolhe, entrava, anniquila o corpo monarchico, e envenena o paiz nas fontes da vida Só a Republica poderá salvá-lo, que, n'este caso, viria a ser o «606» libertador, dando-lhe vigor novo, saude moça e decididas energias para o combate e para o trabalho, e, emfim, para um futuro prospero e de emancipação.

Isso é verdade. O 606 está depositado ha muito tempo em casa... da *Margarida das Flores*. Vae lá buscal-o, no santo dia redemptor, um trio de virgens: a Pilarica, a Fuensanta e a Santola Cosida. Recebe-o a Emilia d'Oliveira. E injecta-o a Alice Ribeiro, tendo por ajudante a Maria Veleda.

E a *avaria* da patria, é certo, fica extincta!

Oh que safados! Que grande bando de prostitutos!

Apprendam ahi, padres de S. Luiz...

Leal, o grande Leal, bota, no *Cornetim* do França, este discurso:

«Alfredo Leal, completamente restabelecido das aggressões que lhe prepararam em cilada—"para matar„ — os empregados e creados de confiança do sr. Jeronymo de Vasconcellos, á porta do casino batoteiro e da sua residencia no Dáfundo, vem, por esta fórma, agradecer a todas as pessoas que mandaram informar-se do seu estado, ou que directamente o fizeram e cujos nomes ou moradas ignora. A muitissimas outras, que lhe teem escripto, incitando-o a não mais consentir na visinhança uma exploração que lhe ia custando a vida, tem a dizer-lhes que recorreu já para o governo na pessoa do sr. Teixeira de Souza e para o sr. governador civil de Lisboa, no direito que a lei e a defeza propria lhe facultam; e que, se é certo que não foi ainda attendido por continuar a batota conselheiral a manobrar descaradamente, apesar das repressões feitas "ás suas collegas„ na capital, não é menos verdade que por todas as fórmas legaes — até se exgotarem — está disposto a não tolerar por mais tempo tão importunos quanto perigosos visinhos.

Dáfundo, 20 de setembro de 1910.

Alfredo Leal.„

Ora ficam sabendo os padres de S. Luiz a maneira... de poderem dormir descançadinhos. E' morarem no mesmo predio do Leal. Porque, então, elle faz intimações ao Teixeira de Souza. Mas, emfim, fica-se por ahi. Não emprega d'aquelles argumentos... *d'atirar terra para o ar.*

Vamos lá, vamos lá, do mal o menos. O Teixeira de Souza ha de apressar-se a... obedecer. Mas vamos lá, vamos lá: do mal o menos.

De resto, nós sempre queriamos saber, Leal, se é certo o que diz o Microbio, isto é que você, frequentador apaixonado da batota, *mai-la* familia, só se *escamou*, vindo dar aos folles cá para fóra, quando o pozeram fóra por... *irregular procedimento.*

O mau sestro do paiz

O rei não presta. E, comtudo, esse homem podia ter feito um governo admiravel.

Já o pae deixou fugir a occasião. Ora saber aproveitar a occasião é o maior merito dos homens.

Ver bem e aproveitar melhor. Raro é o homem que não tenha tido na sua vida um bafejo de sorte. Ver a tempo. Aproveitar, logo. *Molhar a vela emquanto ha vento.* Eis a grande sciencia pratica do homem.

Depois do 31 de janeiro o partido republicano ficou esphacelado. Dividiu-se. Dissolveu-se. Foi profundo o desanimo que se apoderou dos revolucionarios. Uns apostataram. Outros metteram-se em casa. Outros fugiram para o Brazil e para a Africa. Se o rei D. Carlos tem aproveitado esse periodo para impor moralidade e juizo ás quadrilhas, teria prestado um relevante serviço á monarchia e á patria. Depois... foi preciso um grande esforço. A' sua imprevidencia juntou a imprudencia. Onde tudo se teria feito sem custo, surgiu uma lucta formidavel. A sorte, n'essa altura, abandonou-o. E d'ahi o desastre. Emfim, foi tarde.

E' difficil, muito difficil, difficilima, a sciencia de reinar em Portugal. Os parvos ainda n'outro dia cotejavam com Eduardo VII o nosso pobre D. Manuel. Ora fosse quem fosse D. Manuel, D. Manuel nunca poderia ser Eduardo VII, nem Guilherme II, nem Leopoldo da Belgica, nem Oscar da Suecia, nem Christiano da Dinamarca. E pelo simples motivo de que o povo portuguez, nem pela educação, nem pelo caracter, pondo mesmo de parte o factor da raça, é o povo inglez, o povo allemão, o povo belga, o povo sueco ou o povo dinamarquez.

Isto são verdades intuitivas. Mas parece que se não vêem. O povo portuguez será tão estupido que não veja, sem reflexão, que dois e dois são quatro?

E' difficilima a sciencia de reinar em Portugal. Porque, como diz Poinsard apropriando-nos, applicando-nos um termo em sociologia já consagrado, nós somos um povo *desorganisado.*

Payot, no seu bello livro *L'Éducation de la Volonté*, diz que os arabes não souberam conservar o vasto imperio que conquistaram porque lhes faltou a *constancia dos esforços* que organisam a administração d'um paiz, que criam as industrias, que desenvolvem a agricultura, que fundam escolas, abrem canaes e cortam estradas. Tal e qual o que succedeu em Portugal.

Os arabes tinham grandes impetos. Pareciam um grande povo porque eram capazes d'um grande esforço n'um momento dado. Mas o que repugna aos *povos não civilisados*, diz ainda Payot, não são os esforços violentos. E' unicamente o trabalho continuo, *regularisado.*

E' no esforço moderado, mas continuo, que reside a energia real e fecunda. Trabalho continuo implica *continuidade de direcção.* Ora a energia

da vontade traduz-se menos por esforços multiplos que pela orientação de todas as forças do espirito para um fim determinado.

Assim diz Payot e diz uma grande verdade.

Os especuladores republicanos pretendem ver no supposto movimento democratico, que se affirma em Lisboa com uma certa tenacidade, uma prova da nossa vitalidade de raça. Ora esse facto demonstra precisamente o contrario. E' um d'aquelles *esforços violentos* em que são ferteis os povos *não civilisados*. Violentos, mas inconscientes, mas indisciplinados, mas desorientados.

Portugal nunca deu grande coisa senão na guerra por terra e por mar. E ahi mesmo, áparte o curto periodo das navegações, foi preciso commanda-lo. Desde D. Affonso VI que o exercito portuguez *só é digno d'esse nome* quando veem officiaes extrangeiros instrui-lo, disciplina-lo, n'uma palavra: commanda-lo. Fóra d'isso... é essa desordem, essa vergonha, sem offensa por tanta gente illustre e de boas intenções que moureja dentro dos quarteis, que *Papa-feijão*, Moraes Sarmento e a commissão da camara dos pares, cheia d'officiaes, no caso Borracho acaba de, tristemente, revelar.

Portugal é um povo *preguiçoso*, inculto, sem plano, sem methodo, sem direcção, sem ordem, emfim: *desorganisado*. Com a circumstancia deploravel, o que veio immensamente aggravar a sua indisciplina, a sua desorientação, o seu cahos, de se reger pelos mesmos principios e pelas mesmas leis porque se regem os povos *organisados*.

Isto torna difficilima, entre nós, a sciencia de reinar.

E' importantissima, digam o que disserem, a acção d'um homem poderoso pelo seu talento ou pela sua influencia social. Eu li ha poucos dias, a proposito da critica d'um livro, em qualquer das revistas extrangeiras que entram n'esta casa, que a historia da humanidade se cifra, afinal, na historia da acção dos grandes homens. E é verdade!

Na propria Allemanha, na propria Inglaterra, na America em relação ao presidente da republica, não é indifferente que seja um mediocre ou um genio o chefe d'Estado. Mas se é um mediocre, como o povo é um povo *organisado*, essa propria organisação neutralisa e — por assim dizer — *engrandece*, fazendo-a passar despercebida, ou dando-lhe, até, apparencias de capacidade, a mediocridade do chefe do Estado. Mas n'um paiz como Portugal, não. N'um paiz como Portugal, ou o chefe do Estado suppre, pela sua capacidade, pelo seu tacto, pelas suas qualidades de intelligencia e de caracter a insufficiencia popular, aggravada pela circumstancia de ser regida por leis e principios superiores, incompativeis com o nosso grau de cultura e civilisação, e dando, consequentemente, resultados deploraveis, ou o governo, joguete de oligarchias, de bandos criminosos, de verdadeiras quadrilhas, se converte n'uma fraude, n'uma anarchia, n'uma coisa pavorosa.

Em Portugal, desde que o constitucionalismo é uma mentira, fatalmente o havia de ser dada a falta de cultura e de civilisação do elemento popular, o rei, só no nome — a ficção estende-se a todos os poderes — pode ser rei constitucional. E, assim, se torna difficilima a arte de reinar, aliás relativamente facil nos paizes onde o constitucionalismo é mais ou menos uma realidade.

D. Carlos era intelligente. Era energico. Era corajoso. Mas era menos honesto para chefe do Estado, que está um pouco nos casos da mulher de Cesar. Precisa se-lo e parece-lo. O exemplo tem uma alta importancia. E' o maior elemento de moralisação ou de desmoralisação. D. Carlos era arrogante. E era imprudente. Alem d'isso, perdeu, como já dissemos, um tempo precioso. Não obstante, sem o attentado de que foi victima, teria plenamente triumphado.

Mas foi victima. Dir-me-hão: não argumentemos com hypotheses, argumentemos com factos. Sim, respondo eu, desde que a circumstancia de elle ter vencido *completamente* a resistencia das quadrilhas não fosse tambem um *facto*. E desde que se não soubesse que elle não tomou a menor prevenção para evitar *esse outro facto*. Desde que elle não tomou *a menor precaução*, desde que, mesmo que a tomasse, era um facto fortuito *esse outro facto*, o facto capital, o grande facto, é que, apesar de se terem reunido contra elle *todos os partidos politicos*, apesar da excitação enorme que se fez, todos os partidos, todos, foram por elle derrotados. **Completamente derrotados.** E é esta circumstancia que torna o procedimento do filho anti-patriotico, antipathico, criminoso, absolutamente indesculpavel.

Era isso, a imprudencia, a fanfarrice, embora a fanfarrice exclua a verdadeira valentia e elle fosse, realmente, homem corajoso, um dos grandes defeitos de D. Carlos. Bem destemido, bem valente era D. João II e nunca deixou de andar guardado. Um dia sahira de Setubal para Alcacer do Sal com resolução de voltar pelo Sado. Mas avisado no caminho de que os conspiradores o esperavam, mudou subito de resolução e regressou por terra, no meio d'uma numerosa escolta de homens a cavallo. E, repetimos, era bem corajoso. Bem intrepido. Bem arrojado.

D. Carlos desconhecia, ao que parece, as manias homicido-revolucionarias. Não sabia que entre esses anarchistas e arruaceiros de toda a ordem ha verdadeiros loucos e *assassinos natos*. No ultimo numero de *La Revue* vem um artigo sobre *La tricoteuse folle*. Ora quem era *La tricoteuse folle?* Era Maria Francisca Carlemigelly, uma verdadeira louca, como tal fregueza assidua de la *Salpétrière*, de l'*Hotel Dieu*, de todos os hospitaes e hospicios de loucos em Paris. D'ahi sahiu para pedir a cabeça dos burguezes em nome da liberdade, egualdade, fraternidade, depois de se ter declarado *furiosa realista;* em nome da liberdade, egualdade, fraternidade prégou o assassinio e por sua vez assassinava; e como *revolucionaria*, embora louca de todo, sempre em nome da liberdade, egualdade e fraternidade, subiu os degraus da guilhotina.

Como essa, um milhão. Quasi todos esses revolucionarios exaltados são epilepticos, hystericos, degenerados de toda a natureza. O proprio Buissa, não pode haver duvida estudados os seus antecedentes, era um criminoso nato de accentuadas tendencias homicidas.

Basta olhar para o *meio revolucionario portuguez*, para concluirmos, os que tivermos alguma experiencia da vida e leitura, que estamos a braços, desde o Affonso Costa até ao Pechuga, com um bando de criminosos e viciosos, verdadeiro refugo da physiologia. Quem exerce um papel preponderante na sociedade portugueza, e ninguem o exerceu maior do que D. Carlos nos ultimos mezes da sua vida, ou espera um crime como uma coisa provavel, ou está doido como elles.

D. Carlos foi d'uma imprevidencia, d'uma inconsciencia, no meio dos seus acertos, e d'uma insensatez a toda a prova.

A morte de D. Carlos, portanto, não destroe o facto politico de capital importancia na dictadura de João Franco, que foi o anniquilamento, a derrota formal das quadrilhas. Esse facto devia ter orientado e guiado D. Manuel, se esse homem fosse mais alguma coisa que um menino. Mas sem criterio, sem capacidade, e ás ordens d'uma mulher, sua mãe, que não conhece de sciencia social mais que os principios porque se cuidam as gallinhas, perdeu a melhor occasião de completar a obra de seu pae, vingando-o ao mesmo tempo, com manifesta vantagem para os interesses do throno e do paiz.

O momento perigoso era a noite que se seguiu. Desde que os revolucionarios n'essa noite não proclamaram a republica, era porque a grandeza do golpe os tinha assustado, apavorado antes de todos, facto de vulgar psychologia. O que convinha era não os deixar *voltar a si*. Era descarregar-lhe golpes sobre golpes que os postrassem de todo n'esse hypnotismo. Era augmentar o numero das prisões, em vez de soltar os que estavam presos. Era suspender as garantias, instituir os tribunaes marciaes, limpar Lisboa, Porto e Coimbra, e todas as cidades do paiz, dos arruaceiros de profissão, dos desordeiros chronicos e emeritos que, a titulo de *republica*, não fazem mais que dar expansão aos seus instinctos criminosos.

Era organisar colonias penitenciarias alem-mar, e pô-los lá a produzir trabalho util e lucrativo. E, sem preoccupações estupidas de *liberalismo*, pondo de parte uma sentimentalidade doentia, restaurar as finanças, e restabelecer a moralidade na administração publica. Emfim, completar e aperfeiçoar, porque sahiria, então, muito mais perfeita, a obra que tinha em vista o rei assassinado.

Toda a gente conhece os effeitos da audacia e da valentia pessoal. E toda a gente conhece os desastrados effeitos do medo. Garcia de Rezende conta o caso interessante que se deu, uma vez que os fidalgos conspiradores apanharam no campo, sósinho, D. João II. O Principe Perfeito andava sempre, como já dissémos, com uma numerosa guarda de cavallaria. Mas uma vez, n'um passeio ao campo, encontrou-se cercado de fidalgos, e só. Percebeu nos olhares dos fidalgos, e nos gestos, que havia combinação para ser aquelle o momento do regicidio. Como quem não quer a coisa, foi-se approximando d'uma egreja, para evitar o cerco. Chegado ahi, parou, encostou-se á egreja, preparou-se para a defesa, olhou os fidalgos face a face e esperou. Sem nada dizer, mas deixando tudo perceber. Os fidalgos perturbaram-se, tiveram medo, hesitaram, entretanto descobriu-se a escolta a galope, ao longe, e D. João II, a esse acto de sangue frio e audacia, n'elle muito repetidos, mais uma vez deveu a vida.

E' claro que D. João II estaria, comtudo, irremediavelmente perdido, apesar da felicidade d'esse lance, se continuasse a tolerar o atrevimento dos fidalgos, demais a mais era a terceira tentativa d'assassinato em pouco tempo. Mas, habil, talentoso, psychologo, não esperou nem mais um dia. Poz mãos á obra. E com indomavel energia liquidava d'ahi a pouco, a ferro e a fogo, os seus mortaes inimigos. Trabalhou o punhal, o carrasco e o veneno.

A desgraça da causa da ordem publica em Portugal não foi a morte de D. Carlos. Foi D. Carlos ter deixado... *este filho*. Se deixa outro filho, d'outra raça, d'outra tempera, a sua morte, em vez de difficultar, tinha, notavelmente, aplanado o caminho.

Assim... está tudo perdido. Vamos parar em linha resta aos bomdardinos, aos bombardas, aos Margaridos e aos *Cricas*. Porque o *Cricas*, depois, *adhere*. E, sempre de cama e mesa no Paço das Necessidades, ficar a cricar... no Bernardino.

Aquillo é crustaceo que nunca mais larga o throno e o sceptro. Ou haja republica ou monarchia. Lá se agarrou, lá fica.

A questão clerical

Continuamos a perguntar: qual foi o convento em que foi educado o Affonso Costa, o Padua Correia, o Arthur Leitão, o Ribas d'Avellar, o Margarido, o Alexandre Braga, o Cunha e Costa, o Santos Cardoso, o Severino, o Alfredo de Magalhães, o Trinta, o Maduro, o Pechuga, o Petiz das Gravatas, o Petiz dos Cordões, todo esse enxame de pulhas, de *escrocs*, de hypocritas, de charlatães, de malandros que constituem *quasi exclusivamente* o exercito republicano em Portugal?

Qual foi a *congregação*, a ordem religiosa, que ensinou moral a esses bandidos? Sem se apurar esse ponto, é impossivel convencer a opinião honesta e justa da necessidade imperiosa da guerra ao *frade*. Sem se apurar esse ponto, ha sempre uma logica esmagadora para responder aos farçantes da *libardade*.

Qual foi a ordem religiosa, qual foi a congregação, que ensinou virtude ao Bombarda, ao Centeno, ao Arroyo, ao Zé Gatuno, ao Teixeira de Souza, ao Ressano Garcia, ao Apoim, ao Ribeira Brava?

Isto não é rhetorica. Isto não são palavras. Isto é verdade esmagadora. Isto é logica cerrada.

As instituições religiosas ensinam a hypocrisia? Mas quem ha mais hypocrita que os bandidos que ficam citados?

Quem ha mais hypocrita que o Bombardino Rachado?

As instituições religiosas ensinam a charlatanice? Mas onde ha charlatão religioso que possa egualar o Bombardino Rachado, o Alpoim, o Affonso Costa, todos os patifes que ficam mencionados e muitos outros que não vale a pena mencionar?

Responda o João de Menezes, responda o Cabrito Macho, respondam todos os puritanos, todos os pulhas de bem das hostes sagradas.

Assim é que se discute. Aqui não ha sophismas.

E' ou não é um *souteneur*, um *maitre chanteur*, um malandro, um pulha, o Margarido das Flores?

E' ou não é, João de Menezes? E' ou não é, Cabrito Macho?

E' ou não é um ladrão o Affonso Costa? E' ou não é, João de Menezes? E' ou não é, Cabrito Macho?

E' ou não é um bebedo, um devasso, um homem sem moral, sem virtude, o famoso Alexandre Braga?

E' ou não é um grilheta o Arthur Leitão?

E' ou não é um *escroc*, um safado, o illustre Padua Correia?

E' ou não é um cavalheiro d'industria o Cunha e Costa?

E tudo o mais! E tudo o mais!

Quem pariu esses bellos exemplares de moral laica?

Eis o grande caso! Eis a pedra angular de toda a discussão!

E eis o grande caso, e eis a pedra angular de toda a discussão, porque fica *absolutamente, cabalmente* demonstrado que se a moral religiosa, a que ministram as instituições religiosas, produz maus fructos, não os produz melhores a *moral laica*.

Isso, pelo menos, fica *absolutamente, cabalmente* demonstrado. Logo, toda a propaganda anti-clerical e anti-religiosa que ahi se está fazendo, é uma obra de especulação, de charlatanice, de hypocrisia, de mentira, uma obra miseravel de facção.

Propagam-se maus principios nos conventos? E nas escolas laicas?

Do alto da cathedra religiosa ensina-se que o marquez de Pombal foi um assassino? Ha muitos annos, já, citei aqui o caso d'um professor de historia ensinar n'um lyceu do paiz aos seus alumnos que D. João I fora um pulha.

O que vae n'esses lyceus! O que vae, sobretudo, n'essas escolas mantidas nos centros republicanos!

Que fiscalisação é exercida sobre estas escolas?

As congregações religiosas são irregulares. E os centros republicanos? Quaes são os estatutos dos centros republicanos? Então que espirito de legalidade é esse?

Pois os centros republicanos, convertidos em centros de assassinos, como o centro Antonio José d'Almeida, convertidos em centros de conspiradores, fundando escolas em que se prega a indisciplina civil e a indisciplina militar, em que se justifica a desobediencia a tudo e a todos, não são, no actual momento historico, muito mais perigosos á ordem publica e á moral social que as congregações religiosas?

Nós não defendemos, não defenderemos nunca as congregações religiosas. São prohibidas pela lei? Cumpra-se a lei. Commettem-se, em qualquer instituto religioso, dos permittidos pela lei, abusos ou desregramentos attingidos pelo codigo? Applique-se-lhes o codigo. Mas o que eu não admitto é que o velho fanatismo religioso se converta em fanatismo republicano para produzir e praticar eguaes monstruosidades. Mas o que eu não admitto é que o predominio, o velho predominio religioso, se transfira para a *libardade*, afim de que, em nome da *libardade*, se commettam as mesmas desegualdades, as mesmas iniquidades, as mesmas atrocidades, as mesmas infamias, que a religião acobertava. Mas o que eu não admitto é que, em nome da *libardade*, vingue, triumphe, seja exaltado o mesmo espirito de charlatanice, de especulação, de hypocrisia, de mentira, que combati toda a minha mocidade.

Isso não, infames! Isso não, miseraveis!

E ainda bem que ha força n'este braço e n'este cerebro para vos marcar com um ferro em braza!

O elemento religioso tem sido muitas vezes um perigo n'esta patria. Pode voltar a se-lo ámanhã. Mas a verdade, é que o não é n'este momento.

A verdade é que n'este paiz não ha estadistas, não ha portuguezes, não ha patriotas. Nas camadas dirigentes dos partidos, nas espheras governativas. Fóra d'isso, ainda ha portuguezes de intelligencia e de caracter. Nas espheras governativas, porem, nas camadas dirigentes, já não ha, ao que parece, senão burros e tratantes. De outra forma, seria facil de ver o grande erro politico de se perseguir o elemento religioso n'este instante.

Esse elemento é o unico capaz de fazer frente á onda demagogica.

O que nos ameaça n'este instante não é o perigo religioso, é o perigo demagogico. Se ámanhã nos ameaçar o perigo religioso, então lhe opporemos a onda demagogica. Mas n'este instante temos de fazer, devemos fazer precisamente o contrario.

A dissolução, a perversão espalhada e arraigada pela propaganda demagogica, é pavorosa. Elles falam, os *libaraes*, na maldade da doutrina jesuitica. Mas é essa maldade, precisamente essa maldade, essa decantada maldade, essa maldade que consideram tão funesta ao espirito dos povos, que elles estão praticando sem escrupulos, diremos mesmo, com affrontoso cynismo, com ultrajante insolencia, com vilipendioso descaro. Nunca, nunca os jesuitas chegaram a tanto, em qualquer paiz do mundo e em qualquer epocha da historia.

Elles accusam os jesuitas de hypocrisia e, em tudo e por tudo, se revelam os mais baixos e repugnantes hypocritas. Elles accusam os jesuitas de lançar mão do assassinato como arma de combate, e elles não só empregam, como, sem rebuço, exaltam o assassinato. Elles accusam os jesuitas de accumular fortunas em proveito da Ordem, e elles são ladrões desaforados, não em proveito d'esta ou d'aquella instituição, mas em proveito proprio. Elles accusam os jesuitas de absolver todos os crimes que sirvam os seus intuitos, e para elles não ha ladrão, não ha assassino, não ha falsificador que, sendo republicano, não seja homem honrado. Elles accusam os jesuitas de intolerancia feroz e para elles a intolerancia é um dogma. Elles accusam os jesuitas de dissolver a familia, e elles exaltam a prostituta, quando a prostituta fere a familia dos seus adversarios; e elles louvam os filhos rebeldes, quando a rebeldia é contra paes que lhes desagradem; e elles acolhem no seu seio verdadeiras meretrizes; e elles proclamam o amor livre; e elles são a dissolução, a perversão, a infamia familiar personificada.

Nunca, nunca os jesuitas, em parte alguma do mundo, e em qualquer epocha da historia, foram tão descarados, tão cynicos, tão perigosos na acção dissolvente da familia e da sociedade.

Elles accusam — foi sempre, em todos os tempos, a capital accusação dirigida á ordem de Santo Ignacio — elles accusam os jesuitas de *não olharem aos meios para conseguirem os fins*. Ora, partido algum politico ou religioso poz jámais em pratica, com tanto cynismo e tanta audacia, esse principio detestavel. Elles mentem, elles calumniam, elles injuriam, elles lisonjeiam, elles corrompem, elles matam. Elles proclamam justiça a mais revoltante iniquidade, e iniquidade o acto da mais rigorosa equidade. Elles exaltam o crime e fulminam a virtude. *Tudo lhes serve*, e **tudo empregam sem o menor escrupulo**, para attingir o fim desejado.

E' pavoroso o que ahi vae.

Nos comícios, nas taes escolas dos centros republicanos, nas conferencias, elles aluem, elles tentam destruir todos os alicerces, todas as bases das modernas sociedades. Inconscientes, estupidos e maus, não são republicanos. Não chegam, sequer, a ser anarchistas, que entre estes ha principios de honra inatacaveis. São loucos e bandidos. Estamos em face d'uma verdadeira doença mental.

E' uma allucinação, é uma nevrose, gravissima, porque se tornou epidemica e contagiosa. Mais grave, mais funesta que a cholera, que a peste, que a meningite, que a tuberculose.

Em face d'isto, o que faria um habil politico? Oppôr-lhe-hia as unicas forças sociaes organisadas. Oppôr-lhe-hia a Egreja, com moral definida, com disciplina estabelecida, com poderoso espirito de solidariedade. Oppôr-lhe-hia o exercito. E oppôr-lhe-hia as classes que ainda conservam os principios tradicionaes. E' o unico contrapeso, quando não seja a unica maneira de vencer ou d'equilibrar.

Pois uma rainha estupida, que se diz religiosa, pois um rei insensato, que é o representante da tradição e da velha moral, deixa que um bando de sicarios, que nem são monarchicos, nem republicanos, nem anarchistas, nem socialistas, mas exploradores, mas comedores, mas trocatintas, mas bandidos, mas sicarios, ataquem o exercito na sua base fundamental, como no caso Borracho, e persigam a Egreja como o peor inimigo do Estado. E, demais a mais, com manifesta arbitrariedade. A desegualdade, a excepção, representa sempre uma iniquidade, uma arbitrariedade. E uma manifesta arbitrariedade. Porque sendo os clubs republicanos *instituições prohibidas*, sem estatutos approvados, porque tendo-se convertido os centros republicanos em focos de conspiração e antros d'assassinos, porque existindo nos centros republicanos, *sem fiscalisação*, escolas, onde, a par de conhecimentos litterarios, se propinam doutrinas attentatorias, gravemente attentatorias, da ordem social e até da moral universal, os clubs republicanos não só subsistem inatacaveis e á vontade, plenamente á vontade, como é em obediencia aos clubs e ás instituições e á imprensa e aos homens republicanos que se perseguem as congregações e que se ataca o clero em geral e a religião do Estado em especial.

Phantastico!

E' facilimo, sempre, moderar os ardores religiosos, desde que é naturalmente hostil ao espirito clerical o espirito das grandes cidades. Contra as tendencias absorventes do clericalismo ha sempre remedio prompto. E' soltar contra elle, em sendo preciso, a turbamulta das cidades. Por esse lado, pois, não ha perigo de maior. Por outro lado, n'este instante nao ha nenhuma supremacia religiosa em Portugal.

Toda a questão anti-clerical se reduz a isto: o clero não se mostrou ainda, na sua maioria, favoravel ao partido republicano em Portugal. E o partido republicano, intolerante, feroz, ancioso do poder, não quer soffrer contrariedades. Accresce que o mais elementar tacto politico imporia a necessidade de *favorecer* agora o elemento religioso como o mais forte elemento a oppor ao elemento demagogico que nos mata. Era uma grande necessidade. Era uma grande habilidade. Era um alto serviço patriotico. Era, até, um serviço democratico. E' forçoso oppor ao partido republicano uma força respeitavel para que, concentrando-se, medindo a difficuldade das circumstancias, se converta d'uma grande quadrilha n'um grande partido democratico. Pois não só não se faz isso como se praticam contra a Egreja e a favor da demagogia verdadeiras *arbitrariedades*.

Paiz de burros!

Paiz de alarves!

O caso das bombas

A formidavel especulação dos quadrilheiros. — Eternos malandros!

O que nós nos temos rido estes dias! O que nós nos temos rido! Os leitores calculam se lhes dissermos que *conhecemos muito bem* o João Borges. Mas **muito bem!** O que não admira. Nós conhecemos *muito bem* todo o meio revolucionario portuguez e em geral os dynamiteiros.

Nós conhecemos *muito bem* o João Borges e sabemos *muito bem* como e onde elle preparou aquella metralha. *Muito bem!* Olé, sr. juiz d'instrucção criminal! Mas escusa de vir para cá v. ex.ª que não lhe dizemos nem palavra. Nem palavra! Para quê? Não vale ralar.

Descança, João Borges. Toda a tua ambição, meu pobre homem, foi chegares a ser *heroe*. Ahi estás, heroe! Eis-te ahi acclamado como um operario e um homem intelligentissimo, tu, que foste sempre um burro, e como um patriota, um cidadão honesto, tu, que foste sempre um malandro!

O que nós nos temos rido! Os leitores calcularão.

Descança, João Borges. Poderemos desfazer-te a peanha da gloria. Mas não destruiremos a tua *impunidade*. Nem Sua Majestade quer. Ora essa! A estas horas já o João Borges recebeu emissarios e presentes do Paço. Tens a tua fortuna feita, João Borges! O officio mais rendoso e mais glorioso, hoje, n'esta terra, é o de assassino real. Primeiro. Segundo, o de dynamiteiro.

Tens cama e mesa no Paço. E beijocas! Ainda por cima apanhas cocegas e beijocas. João Borges, felizardo!

O tribunal absolve-te, como absolveu o Bettencourt, o teu amigo, o teu collega. Isso é pela certa. Depois... depois manda para casa do diabo a *Marina*. Has de ter sorte melhor.

Nós, dizermos onde elle forjou a metralha! Espera por essa. Por atacarmos um malandro já fomos parar á Torre de S. Julião da Barra. E tivemos de pedir a demissão. Para o Villacinha cahir nos braços do Borracho, logo a seguir, e agora o *Papa-feijão*, com vivo contentamento de Sua Majestade. O que nos aconteceria se despissemos na praça publica um segundo malandro?

A gente honesta não faz mal a Sua Majestade. Uma vez que lhe não faz mal, Sua Majestade despreza-a. Quem é preciso acariciar, proteger, emfim, tratar bem? Os assassinos, os arruaceiros, os malandros, que podem jogar-nos uma pedrada, atirar-nos com uma bomba, ou dar-nos, ao voltar de uma esquina, uma facada.

Nós dizermos o que sabemos? Arreda!

Mesmo porque cada vez é maior a minha duvida sobre o papel que desempenha n'isto tudo o Alpoim e o homem d'Alijó. Pareceu-me, logo no primeiro dia, e cada vez me parece mais, que o verdadeiro auctor das bombas agora descobertas, é o Alpoim, o Affonso Costa e o homem de Alijó.

Deus me perdôe! Eu não quero jurar falso. Mas... quasi que jurava!

Pode ser que me engane. Deus me perdôe! Mas aquella descoberta logo no dia immediato ao da reunião do Conselho d'Estado!... Mas a declaração do João Borges de que as bombas só eram preparadas para o caso de subir ao poder um ministerio do bloco!... Mas a *Nova Corneta do Diabo* a chamar na terça-feira, em normando, em 1.ª pagina, a seguir ao artigo de fundo, as attenções do respeitavel publico para as declarações do João Borges, commentando: *Que ninguem tenha duvidas nem illusões que Portugal não pode andar para traz, nem andará, custe o que custar!...*

Que diabo! Parecia mesmo uma tramoia como a da celebre intentona na semana que precedeu o acto eleitoral!

Parecia mesmo o d'Alijó, sob a inspiração do Alpoim, e com a *benevola tolerancia* do Affonso Costa, a dizer ao rei:

— Hein? E então? Que lhe dizia eu, Meu Senhor? Eu não dizia a Vossa Majestade que a chamada do bloco era para Vossa Majestade a abdicação? E não lhe dizia que podia confiar em nós, que tinha aqui gente de pulso para o que désse e viesse?

Deus me perdôe! Mas eu ia jurar! Eu ia jurar que o Alpoim, o Affonso Costa e o Alijó haviam combinado aquillo tudo, não só para entalar mais uma vez os do blóco, como, ainda, para arrancar ao rei, n'uma segunda *étape*, a amnistia do regicidio e das associações secretas.

Evidentemente o plano, e o *Dia* vinha confirma-lo no seu artigo de quinta-feira attribuindo todas as *tentativas dynamiteiras* ao espirito reaccionario, artigo que só conhecemos por uma referencia do *Primeiro de Janeiro*, evidentemente o plano é convencer o rei de que no dia em que elle cahir de todo nos braços de teixeiristas, dissidentes e republicanos, Sua Majestade pode dormir descançado. D'aqui a um ou dois mezes, Teixeira de Souza, accordado com Alpoim e Affonso Costa, volta ao Paço, a dizer: *Vossa Majestade bem vê que não durmo. Por outro lado, vê tudo socegado. Viu, ainda n'outro dia, o que succederia se fosse chamado o bloco. Ora para que a minha obra de pacificação produza todos os resultados, é forçoso que Vossa Majestade conceda a amnistia pelo crime do regicidio e pelos crimes das associações secretas.*

Deus me perdoe! Mas isto é pela certa!

João Borges é um velho conspirador, mas foi sempre um conspirador ridiculo. Os malandrões do *Dia* descobrem agora, e invocam o testemunho do juiz Veiga, que tambem é um gajão de primeira agua, que a responsabilidade da dynamite e das bombas recahe toda sobre o espirito reaccionario. Talvez, quando o Alpoim pedia ao rei, no mesmo *Dia*, que empregasse *todos os meios* para se defender dos republicanos. Talvez, quando o Alpoim, no mesmo *Dia*, recommendava todas as violencias e atropellos para que não entrasse na camara *um unico* deputado republicano. Talvez, malandrões, talvez. E talvez, porque já em 1896 era plano, no Porto, minar com dynamite o quartel da Municipal, no Carmo, e alugar casas visinhas do quartel de S. Braz para receber com bombas de dynamite, quando sahisse, a companhia da Guarda que lá estava aquartelada. Talvez, malandrões, talvez, porque já em 1902 ou 1903, o João Borges era conhecido, entre outros operarios, pelo *nitroglycerina*.

João Borges não é, como se diz, funileiro, mas relojoeiro. Para ser relojoeiro, porem, é preciso ser honesto e João Borges nunca o foi. Um relojoeiro *palma* com facilidade um relogio e ha relogios carissimos. Assim, d'uma relojoaria da Avenida, que já não existe, onde esteve o João Borges, desappareceu um relogio com um monogramma cravejado de pedras preciosas. Foi o João Borges quem o palmou? Não se pode affirmar. O simples facto, porem, de sobre elle terem cahido suspeitas, era, junto aos seus antecedentes, o bastante para que as portas das relojoarias se lhe feehassem. E, de facto, assim succedeu. Isto é, ainda depois d'isso esteve n'uma outra relojoaria, no Arco da Graça, montada por uma irmã e um cunhado. Taes tropelias, porem, commetteu, que a irmã e o cunhado tiveram de o expulsar.

N'essa outra relojoaria da Avenida deu-se este facto picareseo, que demonstra como o Borges já n'essa epocha tinha a mania dos *explosivos*. Estando um dia a concertar um relogio cahiram-lhe umas gottas d'acido sulphurico sobre uma pouca de glycerina, que se incendiou. João Borges, admirado e enthusiasmado, proclamou a descoberta d'um *novo explosivo*.

Os companheiros riram-se, e, como a nitroglycerina resulta da glycerina sobre uma mistura d'acido nitrico com acido sulphurico concentrados, ficaram-lhe chamando o nitro-glycerina.

Mas para que queria o João Borges o... *novo explosivo?* Porque pensava elle em explosivos? Para os empregar como arma politica de combate. *Quando se fizer a historia*, saber-se-hão muitas coisas. Mas, entre ellas, a de que a mania dos explosivos é anterior, e bem anterior, á dictadura de João Franco.

Depois d'isso, encontrando fechadas as portas das relojoarias, é que João Borges se fez funileiro. E como funileiro-relojoeiro é mais alguma coisa que simples funileiro, o juiz d'instrucção, que não conhece, ou não conhecia á data, talvez, os seus antecedentes, chama-lhe... babilissimo operario. Certamente. Mas babilissimo funileiro porque tem a mais os conhecimentos technicos de relojoeiro.

Ultimamente, porem, só n'um officio se distinguia e só d'um officio se alimentava: o de rufião miseravel, para emparelhar com o França, o Carlos Trilho, e outros pulhas que galhardamente manteem as ignobeis tradições republicanas n'este paiz de bandalhos.

Rufião miseravel! Nem anarchista, nem operario. Qual anarchista! Os anarchistas podem ser, e são, em regra, uns exaltados. Mas tambem são, em regra, áparte os rufiões que embrulhados n'essa capa fazem causa commum com os republicanos, homens de principios e trabalhadores honrados.

Rufião miseravel! Explorando directamente o corpo da *Marina*, depois das duas horas da madrugada, e até ás duas horas explorando-lhe a bolsa em passeios e patuscadas. Perdê-lo e achá-lo era no Café Colon, agarrado ao cachimbo, a... conspirar. A *Marina* arranjava freguezes por fóra, emqnanto elle, dentro do café, *patrioticamente*, nas barbas da policia... conspirava.

Rufião miseravel! Sucia de pulhas! De que a patria estaria ha muito tempo libertada, pondo-os de grilheta ao pé, nas colonias, a produzir trabalho util para a sociedade, se em vez de Teixeiras de *Soizas*, Beirões, Villacinhas, Alpoins, Manéisinhos coroados, tivesse homens a governa-la.

Não era preciso lei de 13 de fevereiro, nem qualquer outra lei politica de excepção. Bastava uma lei de direito commum, egual á que teem todos os paizes civilisados, para se livrar summariamente de criminosos vulgares. E' nos rufios, nos bebedos incorrigiveis, nos desordeiros emeritos, nos malandros e vadios de toda a ordem, que a *gloriosa redemptora* recruta quasi todos os seus dynamiteiros e quasi todos os seus *elementos de combate*. Uma rusga, que apanhasse nas baiucas, nos antros do vicio, nas tabernas, nas casas de prostituição a grande clusma de viciosos de Lisboa, um serio inquerito policial que pozesse a lume a vida de outros pulhas, que em vez de se acoitarem nas tabernas e nas casas de prostituição, se acoitam nos centros republicanos e nas redacções dos jornaes, uma mão energica, para pegar n'essa cambada toda e manda-la para as colonias *sem remissão de peccados*, era o bastante, completado com a acção energica das leis existentes sobre os elementos de perturbação que ficassem, para trazer a esta terra a pacificação de que anda tão necessitada.

Uma vergonha! Uma ignominia, o que, dia a dia, ahi se está passando! Até o João Borges, que a esta hora já tem feito tremer, não vá elle atirar-lhe para debaixo das pernas e para debaixo das saias *a metralha*, toda a cricalhada d'esta immunda cloaca, até o João Borges, de quem já todos os conselheiros da monarchia falam com temor e os conselheiros da redemptora com admiração, até o João Borges *já é heroe!* E' verdade que elle não é menos que o Arthur Leitão, o Padua Correia, o Margarido, o Affonso Costa, toda a outra magna caterva dos nossos *quadros historicos*. Moralmente, é, até, um poucochinho melhor.

Até o João Borges já é heroe!

De resto, o dicto, dicto. Nós sabemos *muito bem* onde o João Borges preparou a metralha. Mas não dizemos. Não, João Borges. Governa a tua vida. Anda lá. Esse officio de matar reis e de metter medo a reis tambem está sendo, para nós, um officio sympathico. Anda lá. Só uma coisa não sabemos. Onde diabo arranjaste tu, maroto, uma porção tamanha de tubo de cobre de duas pollegadas?

Hein? Andaria por ahi o Centeno, o Alpoim, e o Ribeira Brava?

Se mandares dizer, alem da nossa complacencia terás a nossa protecção.

E verás que não é para desprezar.

P. S.

Manda pagar dezeseis mil e tal que ficaste a dever ao homem que abriu as roscas e poz as tampas de latão.

Dize ao Centeno que pague.

Para que se veja o desavergonhamento dos Soisas e Loisas é reparar no escarcéo que elles estão fazendo contra o Tribunal de Verificação de Poderes a proposito da eleição d'Aveiro. Elles não tem aqui influencia *absolutamente nenhuma*. Mas absolutamente nenhuma. As taes impugnações e allegações do sr. d'Ameal não passavam d'uma miseravel chicana. Pois como o tribunal não as acceitou, o tribunal é bloquista, o tribunal é faccioso, o tribunal está systematicamente disposto a fazer tudo contra a *colligação liberal* e tudo a favor do Bloco.

Que bom cacete! Que grande cacete!

Não se admirem os leitores d'esta nossa indignação. Para a comprehender é preciso saber-se, como nós sabemos, da *nulla influencia* da tal *colligação* em todo o districto de Aveiro.

Nulla! Inteiramente nulla! E queriam inquerito! E queriam nova eleição!

Que bom cacete! Que grande cacete!

E pela razão com que elles atacam o Tribunal a proposito das coisas d'Aveiro, avaliamos nós o resto.

Dantas Borracho

O requerimento do bandalho é a confirmação plena de todas as nossas palavras.

De facto, começa logo por ser espantoso que o miseravel requeresse ao ministerio da guerra estando a questão pendente da camara dos pares.

Então qual é, afinal, a jurisdicção acatada por este bandalho? E' a jurisdicção civil ou é a jurisdicção militar?

Isto é espantoso. Chega-se a pasmar que, apesar de toda a nossa degradação, de toda a nossa vileza, se dê um escandalo d'estes sem se revoltarem as pedras das calçadas.

O bandalho não reclamou em tempo competente perante a jurisdicção militar. Pelo contrario, poz completamente de parte o ministerio da guerra e o regulamento disciplinar. Mas agora, é ao ministerio da guerra que se dirige e é o ministro da guerra quem se substitue á camara dos pares.

E' espantoso! Verdadeiramente espantoso! Chega a abysmar!

E' a maior illegalidade que se tem praticado. Mais do que illegalidade. E' uma verdadeira monstruosidade. Monstruosidade juridica e monstruosidade moral. Mas fica tudo quieto e tudo calado. Póde haver esperanças de salvação para este povo? Nenhumas. Está corrompido até á medulla dos ossos.

Das duas, uma. Ou Borracho levantava a questão das immunidades parlamentares junto da camara dos pares, ou reclamava militarmente por algum dos motivos do regulamento disciplinar. Levantava, como, de facto, levantou, a questão das immunidades parlamentares? Esperava a resolução da camara dos pares. Nem elle, decorosamente, podia fazer outra coisa, nem o ministro da guerra, decorosamente, outra coisa podia acceitar, se o miseravel, porventura, outra coisa tentasse.

Sucia de pulhas! Repugnantes escravos! Que estão pedindo, clamorosamente, o chicote do extrangeiro, como absolutamente indignos da independencia e da liberdade.

Nem isto tem outro termo. O termo fatal d'esta bandalhice é o jugo extrangeiro. Que infelizmente não será tão duro, nem tão aviltante, como o reclama a infamia em que estes pulhas se atascam.

Em 14 d'outubro envia uma nota á direcção geral da secretaria da guerra declarando *que tinha appellado para a camara a que pertencia*, **na qual residia a unica jurisdicção a que era licito soccorrer-se.** Mas como *emperrou a engrenagem parlamentar*, na phrase chula do pulha, o infamissimo bandalho, temendo a queda do ministerio, e, portanto, a falta do insubstituivel *Papa-feijão*, deita para traz das costas a **unica jurisdicção a que lhe era licito soccorrer-se** e soccorre-se da jurisdicção militar!

E não houve ainda ninguem, repetimos, que escarrasse n'aquella cara prostituida ou assentasse meia duzia de pontapés n'aquelle porquissimo rabo.

Pois tem lá vergonha, pois tem lá decoro, pois tem vestigios de brio aquelle miseravel?

Mas não cessa aqui a desvergonha d'esse peçonhento lacrau.

Abandona a *jurisdicção da camara*, a **unica a que era licito soccorrer-se.** Mas, ao mesmo tempo, não tem que allegar senão... a jurisdicção da mesma camara! Pois que havia elle de allegar?

Allega então que submetteu a questão á camara dos pares, a *unica em que residia jurisdicção para o julgar*. A camara elegeu uma commissão para estudar o assumpto. A commissão deu o seu parecer. Não chegou o parecer a ser discutido. Mas como o parecer lhe era favoravel, elle conclue que a camara é a commissão e a commissão é a camara e que a camara votaria fatalmente o parecer da commissão. Quer dizer, tão correcto e coherente como parlamentar como correcto e coherente como militar.

Só em Portugal succede! Só n'esta esterqueira! Porque, por mais que nos custe, não podemos deixar de reconhecer que isto chegou ao ultimo grau de aviltamento e miseria moral.

Isto emquanto ao pulha que, por escarneo, se diz general do nosso exercito.

Quanto ao ministro da guerra, esse ainda é peor. Esse ainda é peor! E ainda é peor porque, alem das suas responsabilidades pessoaes, como homem e como official do exercito, tem as altas responsabilidades do seu cargo.

Esse ainda é peor! Mais baixo ainda! Mais ignobil! O safardana, que ainda tem a audacia d'enviar, depois d'isso, uma circular aos officiaes do exercito, falando na *benefica influencia do exemplo!* A prégar moral, o grande hypocrita!

Começa logo a sua indignidade e a sua affronta á disciplina militar por acceitar um requerimento em que se offende a auctoridade do anterior ministro da guerra.

«Isto posto, diz Borracho, consignarei que, assim como fui eu quem levou á camara a que pertenço, a questão das immunidades parlamentares, em mim **cynicamente postergadas...**»

Elle acceita este requerimento. Elle acceita que se dirija ao ministerio da guerra quem ao ministerio da guerra tinha declarado, arrogante e insolentemente, que *só a camara dos pares tinha jurisdicção para o julgar*. Elle acceita que o voto d'uma commisão *valha* como voto da camara. E só podendo julgar, isto é, resolver uma reclamação, formulada em virtude de um castigo disciplinar, pelos principios consignados n'um regulamento militar, nem julga pelo regulamento, nem julga pela decisão da camara dos pares, pois que tal decisão não existe, mas simplesmente... pelo *Codigo dos Compadres*.

Que só servias para comer feijão, grande besta, era do dominio geral. Mas que não houvesse, n'esse exercito, assim affrontado, assim cuspido, um homem que te agarrasse nos fundilhos das calças e te atirasse d'essa tripeça abaixo, francamente, é de pasmar.

E o resto n'outro dia, que ainda não terminámos.

—●—

Para acabar de provar a covardia do Borracho, segue o interessante artigo, já transcripto pelo *Povo de Aveiro* em 24 d'outubro do anno passado.

Fanfarrão, valentão, que nem consente que olhem para elle, que responde com arreganho e insolencia á mais inoffensiva observação, porque não foi esse pulha, Bayard nacional, esse heroe de duello, pedir o França satisfações pela troça manifesta que lhe faziam de lá?

Não sentiste, então, amachucados os brios, bandalho?

Então é que era mostrar coragem e arreganho, miseravel! Então é que era provar ao mundo que a raça dos Magriços ainda se não extinguiu!

Miseravel, que não foste lá pelo mesmo motivo porque não... vieste cá. Lá arriscavas o bandulho. Aqui arriscavas os miolos. E, então, achaste mais commodo... deixar-te ficar.

A nossa *desqualificação* não existe para ti, bandalho, e para outros pulhas da tua raça, senão na força d'esta penna e na bocca d'um rewolver!

Covarde! Bandalho!

Se um dia lhe derem duas bofetadas, hão de vêr em que termina a decantada valentia d'aquelle miseravel. E' capaz de se pôr a chorar!

Uma coisa conseguiu elle, como demonstra o artigo que se vae lêr: tornar o seu ridiculo universal.

Foi tão comico, com a scena de mandar desafiar Cardeira e Wenceslau, scena em que ainda hoje não tem vergonha de falar, que não tendo a imprensa franceza por costume occupar-se d'incidentes de Portugal, um jornal de tão grande tiragem e de tão grande influencia como a *Dépêche*, achou digno d'um artigo o picaresco general.

Eis o artigo:

LA SUSCEPTIBILITÉ DU GÉNÉRAL

La chanson affirme que les Portugais sont toujours gais. La chanson exagère, et il faut voir surtout dans ce qu'elle avance un de ces mensonges auxquels la tyrannie de la rime condamne pour l'éternité les hommes qui écrivent en vers. Car il est manifeste que tous les Portugais ne sont pas gais, et que ceux qui le sont ne le sont pas toujours. Mas il y a des Portugais qui sont vraiment gais quand ils se mêlent d'être gais.

Du nombre est le général Baracho, pair du Portugal e soldat entre tous susceptible. Un militaire réformé par retrait d'emploi s'est avisé d'écrire dans un journal un article qui n'est pas très élogieux pour le brave général Baracho. Celui-ci s'est immédiatement précipité chez les ministres et leur a dit avec colère:

— Il faut me punir ce clampin!

Les ministres ont fait quelques réserves, et le général Baracho repris aussitôt:

— Vous ne voulez pas obtempérer? Fort bien, messieurs! Mais alors M. le président du conseil ou M. le ministre de la guerre (enganou-se, não foi *um ou outro, foram os dois*, o que ainda é mais engraçado) *devra se battre avec moi. J'ai dit.*

Comme on le voit, le général Baracho n'est pas d'un naturel très débonnaire. Et certainement il y a le droit de dire qu'il est ce que la nature l'a fait. Il y a même le droit de dire qu'il ne laisse à personne le soin de décider s'il est trop châtouilleux quand il s'agit de sa réputation de soldat. Mais, bon sang de bon sang, qu'il rend donc difficile le métier de ministre. Il n'y a pas de raison, en effet, si on lui accorde satisfaction, pour qu'un autre citoyen, dans un avenir très prochain, ne l'imite point, en élargissant toutefois un peu son procédé:

— Monsieur le ministre, je vous ai démandé un bureau de tabac pour la nièce du meilleur ami de mon secrétaire.

— J'ai pris bonne note de votre démarche. Croyez bien que ...

— Je le regrette, Monsieur le ministre, mais je n'attends pas. Ou le bureau de tabac, ou un duel à mort. Vous avez deux heures pour réfléchir ...

On aperçoit toutes les complications qui peuvent résulter du précédent créé pour le général Baracho. Et, tenez, j'écrirais en commençant que ce brave militaire est de l'espèce des Portugais vraiment gais. Je n'en suis plus très sûr à présent.

Coitados! Coitados!

Não nos dão importancia. Coitados! Coitados! Não nos dão importancia. E raro é o dia em que não investem, a rosnar.

Ahi, cães da rua S. Roque! Ahi, Borracho! Ahi, Margarido! Ahi, Affonso! Ahi, de dentuça partida, de tromba na lama!

Ahi, miseraveis!

Engasgadinhos, não é verdade?

Engasgadinhos pelo *desqualificado*, não é assim?

Em cheque, por um semanariosinho de provincia, hein?

Muito vale este *cajado!* E só nos convencemos de que vale muito quando vemos uma imprensa inteira, um partido inteiro, o da *consciencia nacional*, o da *alma nacional*, os *redemptores*, de olhos injectados de sangue, de dentuça arreganhada, escumando raiva, mas impotentes, mas esmagados, esborrachados, deante de nós.

Como valeis pouco, miseraveis!

O rei dos bandidos

Para armar á *popularidade*, o rei dos bandidos, o ladrão dos ladrões, o hypocrita dos hypocritas, o pulha dos pulhas, fez registar civilmente o nascimento dos filhos, dando á festa o réclame e o apparato do costume.

Mas quando nasceu o primeiro filho do ladrão dos ladrões, do hypocrita dos hypocritas, do pulha dos pulhas, já havia registo civil em Portugal.

Mas quando nasceu o segundo filho do ladrão dos ladrões, do hypocrita dos hypocritas, do pulha dos pulhas, continuava a haver registo civil em Portugal.

Mas quando nasceu o terceiro filho do ladrão dos ladrões, do hypocrita dos hypocritas, do pulha dos pulhas, continuava a haver registo civll em Portugal.

E assim successivamente.

Pergunta-se: porque baptisou ladrão dos ladrões, hypocrita dos hypocritas, pulha dos pulhas, primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto filho e porque só agora se lembra de os registar!

Farçante! Trocatintas! Chocarreiro! Histrião!

Mas farçantes, trocatintas, chocarreiros, histriões, toda a corja, toda a malandragem que o acompanha e applaude.

A *democracia* portugueza! Que irrisão!

A IMPRENSA PORTUGUEZA

A imprensa, essa "alavanca do progresso„ como alguem lhe chamou, tem uma nobre missão a desempenhar n'uma sociedade.

Ella, além de, geralmente, ser um repositorio de informações sobre as occorrencias diarias, deve tambem ser um dedicado mentor que livre das peias aviltantes da Conveniencia, e estudar as diversas questões tanto politicas como sociaes, tendo por unico guia a sua Consciencia e por unico escopo o servir a causa do Bem Publico.

Quando se debater uma questão em que estejam ameaçadas as regalias das classes populares, (por naturalmente serem as mais opprimidas) e se agitem altas influencias, tramando na sombra, para consummarem qualquer chicana revoltante, a imprensa, firme no seu posto de honra, deverá incidir sobre as faces estanhadas dos vampiros do Povo, a luz cegante do facho da Verdade, para que todos conheçam os seus vis manejos.

O jornalista consciencioso não se incommoda que a sua doutrina vá desagradar a este ou áquelle cidadão; não o afflige mesmo o ser mal recebido pela opinião publica; não o importuna tão pouco o diminuir-lhe em consequencia a venda do jornal; o que unicamente o deve preoccupar é que o seu escripto seja uma reproducção fiel do seu criterio.

E' preciso que o jornalista não seja um escravo, de consciencia venal, acorrentado pela aviltante grilheta do Interesse a um senhor sem escrupulos, que é o *dono* do jornal.

Infelizmente, em Portugal (triste é dize-lo) uma parcella da nossa imprensa, em vez de constituir um nobre sacerdocio, não é mais do que uma feira negra, onde se mercadejam consciencias.

No nosso paiz o jornal (se assim é licito chamar-lhe) que nos apresenta os symptomas mais palpaveis, mais concludentes da pavorosa febre de mercantilismo de que enferma parte da imprensa portugueza, é, sem duvida, o *Seculo*.

Este jornal é uma enorme mercearia, bem afreguezada, com succursaes em varios pontos, para mais facilmente servir ao paladar embotado do publico, a ultima *blague* manipulada grosseiramente na loja da rua Formosa.

Os jornalistas são vulgares marçanos, que obedecem cegamente ás ordens do patrão, o sr. Silva Graça, e escrevem o que elle lhes manda, a uns tantos réis a linha.

O melhor piléo que o dono do *Seculo* serve aos seus freguezes é, sem duvida, o *grande e orrivel crime*.

Quando ahi um fadista qualquer se lembra de traçar o mappa geographico com uma navalha no corpo da amante rameira, o patrão manda logo um marçano, que tenha bom faro, ao local da desordem, para investigar minuciosamente todos os pormenores.

No dia seguinte o jornal augmenta a tiragem e, então, a primeira pagina quasi que só se occupa de tão *grande acontecimento*.

Vem desenhada, em tamanho natural, a *naifa* aggressora, juntamente com os retratos dos heroes da tragedia; vem especificada a disposição dos moveis nos aposentos da Dulcinéa; a pouca ou muita limpeza do soalho; o numero de cautelas do *prégo* encontradas; a quantidade de roupas brancas que a mulhersinha possuia; os dias em que lá ia *ficar* o seu Adonis; a porção de vezes que este se dignava *chegar-lhe a roupa ao pello;* o ordenado que elle recebia por tão *relevantes serviços*, etc., etc.

Temos a certeza que as mais bisbilhoteiras senhoras visinhas, não fariam um inventario tão minucioso aos haveres encontrados n'aquelle estabelecimento de amor barato.

Tambem não escapa á coscuvelhice do pasquim da rua Formosa o explicar aos seus freguezes a significação de diversos termos do vocabulario da Mouraria, como — *governo*, *andarilho*, etc., etc.

Não levará muito tempo que o grande camaleão ensine o melhor methodo de *riscar*, passar *rasteiras*, etc., tudo para augmentar a venda do pasquim aos seus recem-affeiçoados do Bairro Alto e Mouraria.

Mas onde elle excede "tudo quanto a antiga musa canta„, é debaixo do ponto de vista politico.

O *Seculo* na sua infancia foi muito republicano, mas como n'essa epocha ainda este partido não era o valhacouto da canalha, elle foi-se tornando pouco a pouco *independente*.

O ser *independente* para elle significava estar com aquelles que se encontravam fruindo as delicias do poder, de quem podia esperar algum osso que lhe atirassem para esbrugar ás fauces escancaradas.

Assim foi progressista e regenerador no tempo em que só estes 2 partidos tinham o exclusivo do poder.

Fez uma campanha furiosa contra o fallecido conde de Burnay, na ancia d'aquelle titular o amordaçar com uma sacca de libras.

Mas elle deixou-o ladrar até enrouquecer.

Chegou a ser apodado de clerical, a ponto de lhe partirem as vidraças, o que deu logar ao *Mundo* encetar um ataque ingente áquelle seu rival na esperança de lhe affastar alguma freguezia.

Tambem muito encapotadamente auxiliou João Franco no principio do seu governo, tudo para ver as alterações que estas mudanças de generos produziam no Deve Haver lá da loja.

Por alturas do principio do reinado actual, elle convenceu-se pela crescente diminuição da clientella que um jornal com taes processos só póde *fazer alguma coisa* bandeando-se para o republicanismo.

Lá sim. O *Seculo* desde que se tornou abertamente jacobino passou a ser uma folha honesta.

Lá tem o sr. Bernardino Machado a passar diplomas de honestidade a todos os republicanos, ainda que elles sejam o Pechuga ou o Petiz das gravatas.

Mesmo o *Seculo* ha muito que andava deslocado. O seu verdadeiro logar era onde está agora.

Pois não é o partido republicano o barril do lixo da sociedade portugueza? Não é esse partido o atoleiro ignobil onde vão desembocar todos os escoadoiros que conduzem o lixo das viellas, as purulencias dos prostibulos e o lodo das masmorras? Não é elle o partido onde a Crapula tem um altar, o Roubo é um *honrado mister* e o Assassinato se glorifica?

Indiscutivelmente que é.

Por conseguinte o *Seculo* está lá bem em companhia do *Mundo*, essa immunda gazeta que todo o homem honrado depois de pegar n'ella precisa de lavar as mãos.

Parece que os escrevinhadores d'este abjecto pasquim rabiscam os artigos com navalhas de ponta e mola embebidas em fel, mas assim tem de ser, porque o *Mundo* tem em mira agradar á grande parte dos seus leitores que são assiduos frequentadores do Limociro e das pocilgas da Mouraria e Alfama.

O *Mundo* e o *Seculo* são as duas balisas pelas quaes se póde aquilatar a craveira moral da sociedade portugueza, pois que, oh! ignominia, são estes dois sórdidos papeis os *jornaes* mais lidos do paiz!

Que vergonha ser portuguez!

Porto, 1910.

Francisco Ramos.

Malandrões! Malandrões!

Lê se no *Imparcial*, orgão do sr. ministro dos negocios extrangeiros:

Regressou ao seu districto o governador civil de Castello Branco, sr. Eduardo Nunes da Costa e Ornellas.

Consta-nos que o sr. ministro do reino, austero e disciplinador, como sempre, recolheu informações e dados extra-officiaes mas fidedignos, que o habilitaram a dicidir-se com firmeza por fazer justiça a quem ella assistia de direito, mantendo no seu posto o digno governador civil, sr. Ornellas.

Honra lhe seja. Se é expressa e verdadeira esta noticia, como nos assevera pessoa de inteiro credito, só temos motivo para regosijo e para felicitar o districto, onde o intelligente governador civil tem numerosos amigos, bastantes sympathias, muitos admiradores.

Outra solução ninguem a esperava do alto criterio e serena apreciação a que o nobre presidente do conselho costuma sujeitar os factos que dependem de ponderada reflexão. Fez-se justiça, com o que folgamos.

Mas não se persuada alguem, seja quem fôr, que a nossa qualidade excepcional n'este caso, nos impõe deveres d'officio, na genuina acepção politica, advogando e defendendo interesses partidarios. Não é bem isso.

Estamos aqui por principios equitativos de justiça, defendendo os actos d'um funccionario publico regenerador que alguem pretendeu cavalgar por simples devaneio: factos notorios em todo o districto.

Queremos significar apenas que, collocando-nos ao lado do digno governador civil, sr. Ornellas, e contra o seu irreductivel inimigo, sr. Tavares Proença, procederemos com perfeita harmonia com a nossa convicção, com os sentimentos de justiça em que, por habito, nos inspiramos e acompanhamos a opinião geral d'aquelle districto, que não marcha atrellada ao triumphal carro politico do sr. Tavares Proença.

Temos dito e repetimos — nem de vista conhecemos o digno governador civil do districto de Castello Branco.

Na ultima situação Hintze, esteve dirigindo aquelle districto por poucas semanas, mas esse curto lapso de tempo, foi mais de que sufficiente para aferir-se da sua intellectualidade administrativa.

Affirmou-se e a valer.

Que o diga o par do reino, sr. Tavares Proença, que lhe voltou as costas e nunca mais, nem pelas ditas, quiz "encarar„ com o sr. Ornellas — Odio mortal!

Sempre, e em tudo, os mesmos pulhas!

Mas o sr. Tavares Proença, é o que se discute, bem ou mal, com razão ou sem ella — com muita razão, mas suppunhamos — disse que o sr. Costa Ornellas **depois de ter sido a vergonha do exercito portuguez estava sendo a deshonra da administração publica.**

Mas o sr. Tavares Proença, bem ou mal, com razão ou sem ella, disse **que a espada do homem era de lata** e de lata **tão estanhada como a cara do seu possuidor, onde toda a gente póde cuspir impunemenre.**

Mas o sr. Costa Ornellas, nem pegou n'um pau, nem pegou n'uma espada, para castigar o sr. Tavares Proença.

Mas esse facto foi sempre considerado pela *moral militar* um **acto deshonroso.**

Mas, em consequencia d'isso, outros officiaes, e alguns sem motivo que se comparasse, e até alguns *sem motivo nenhum*, foram submettidos a conselho de disciplina e castigados.

E o sr. Costa Ornellas, nem só não é submettido a conselho de disciplina, como é mantido no logar de governador civil e, ainda por cima, elogiado. Isto sendo ministro da guerra *Papa-feijão*, que ainda n'outro dia, n'um caso gravissimo, exaltava o duello como estimulante da honra, do brio e do... feijão da edade media.

Malandros, malandros e malandros!

Refinadissimos, desavergonhadissimos, descaradissimos malandros!

PATINS

De duas a quatro rodas para estrada e pista. Chegou novo sortimento da melhor marca.

CASA SENNA. SALÃO DE JOGOS

Lisboa — 48, R. Nova do Almada, 52 — Lisboa

Aclarando

Do sr. general Constantino de Brito recebemos a carta que se segue:

Lisboa, 19 de setembro de 1910

... Sr. Director do jornal "O Povo de Aveiro„

V. affirma no seu jornal de 18 do corrente que eu fui castigado com um mez d'inactividade, por não ter acceitado um duello que me proposeram.

Isto é menos exacto, porque, pela ordem do exercito de 22 de maio de 1900, eu fui punido com um mez d'inactividade e prisão na praça de S. Julião da Barra, por ter sido julgado responsavel por actos praticados contra os deveres militares expressos no n.º 42 do artigo 3.º do regulamento disciplinar, — e isto sem mais explicações, comquanto pelo artigo 141 do referido regulamento seja prohibido, para qualificar a infracção, citar *sómente* o numero de ordem que o dever militar infringido tem no artigo 3.º do regulamento.

Ora, aquelle n.º 42 prohibe o militar de manifestar de viva voz, por escripto, ou por outro qualquer meio idéas contrarias: 1.º á constituição politica do Estado, 2.º ás instituições militares do Estado, 3.º offensivas para os superiores, 4.º offensivas para os eguaes, 5.º offensivas para os inferiores, 6.º prejudiciaes á boa execução dos serviços, 7.º prejudiciaes á disciplina, 8.º contrarias ás providencias de interesse geral.

E' verdade que fui submettido a um conselho de disciplina, invocando-se o § 3.º do artigo 103 do regulamento disciplinar, mas, desde que fui punido por infracção ao n.º 42 do artigo 3.º, é evidente que não foi por causa do duello. E tendo ficado prejudicada a accusação sobre o duello, é tambem evidente que deveriam ter ficado prejudicadas todas as circumstancias aggravantes e attenuantes da accusação; e nem o conselho de disciplina tinha que julgar sobre ellas, visto que *só* lhe pertencia a apreciação dos motivos designados no artigo 103 do regulamento disciplinar, e *unicamente* sobre estes motivos podia applicar a correspondente penalidade, ou propôr ao ministro a applicação de uma pena disciplinar.

Tive de requerer a especificação da culpa; e como o conselho de disciplina não podia evidentemente ter intervido na punição, pretendi recorrer d'ella, usando da faculdade que me concedia o artigo 112 do regulamento, o que me foi indeferido!

Ora eu recusei o duello porque, além de outras razões, não admitto uma disciplina militar que permitta ao inferior affrontar o superior. Creia V. que nunca tive medo de cousa nenhuma, procurando cumprir sempre o meu dever, e creia tambem que ninguem me affronta impunemente. Nunca me submetti, sem protesto, a uma iniquidade.

Em 1 de junho foi mandada para o quartel general a nota da minha culpabilidade, qual era de haver manifestado idéas contrarias ás providencias de interesse geral, como era a Assistencia Nacional aos Tuberculosos; e em 6 de junho, isto é, 16 dias depois da publicação da ordem do exercito, essa culpabilidade foi accrescentada com o ter manifestado idéas offensivas aos meus inferiores, de modo que se deve inferir que, na occasião da publicação da ordem do exercito, ainda não estava bem definida e reconhecida a minha culpabilidade!

A minha manifestação contraria á Assistencia Nacional aos Tuberculosos consistia em ter affirmado, em prol dos interesses publicos, a conveniencia de serem diminuidos os impostos de consumo, para se evitar a propagação e o desenvolvimento da tuberculose, o que mais tarde foi reconhecido por toda a gente.

A accusação enviada ao conselho de disciplina nada dizia ácerca da offensa aos inferiores, que foi posteriormente descoberta.

O castigo que soffri, foi, pois, tudo quanto póde haver de mais injusto e subversivo, o que não deve admirar n'um paiz em que a justiça sendo a base da sociedade, é uma palavra vã, do que resulta consequentemente a desmoralisação completa da sociedade em que vivemos.

De V. etc.

Constantino de Brito.

Estamos de perfeito accordo.

Quando dissémos que o sr. general Constantino de Brito havia recusado o duello, não pretendiamos insinuar, de modo algum, nem tal coisa nos passou pela idéa, que s. ex.ª se pretendia eximir ao lance por receios ou temores de qualquer ordem. De resto, não ha duvida nenhuma que se praticou n'esse caso, como em outros, uma grande arbitrariedade.

Não ha duvida nenhuma.

Uma victima

Recebemos a circular seguinte:

... Senhor

Permitta-se-nos recordar, com profunda magua, o covarde assassinato de um humilde operario, José Gomes Pratas, n'uma das assembleias eleitoraes d'esta cidade, no passado dia 29 de agosto, quando, inoffensivamente, julgava poder assistir sem perigo á pratica de um acto exigido pelo mais rudimentar civismo, para implorar, em favor da esposa e dos filhos da infeliz victima, o obulo merecido e justo da generosidade de V.

Se os actos selvaticos da horda desenfreada dos governamentaes, alterando a eleição, pretendendo roubar a urna e inutilisando cadernos, nos repugnam porque representam para os partidos colligados uma violencia, uma expoliação sem nome, o tiro traiçoeiro, que prostrou um dos nossos dedicados, mergulha-nos na mais pezada dôr e enche-nos de indefectivel indignação.

A sociedade que presenceou esta barbaridade poderá contentar-se com a pena justa e legal do criminoso, todavia, nós, os amigos d'aquelle que para sempre fechou os olhos, temos, alem d'aquelle desejo, o de soccorrer a viuvez, a orphandade, a miseria, suavisando, da melhor maneira possivel, a amargura dos que ficaram e assegurando-lhes os meios de vida que fugiram d'envolta com o sangue innocente do seu amparo.

Constituidos em commissão de protecção, ousamos pedir a V., e por seu intermedio a todos os amigos de V., que, por subscripções abertas e publicadas nos jornaes que em Lisboa são orgãos dos partidos colligados, ou enviando directamente a qualquer dos signatarios, queiram auxiliar-nos pecuniariamente a constituir um fundo de reserva e a fornecer a estes desgraçados, pelo menos, um pouco de pão que possa embeber as suas lagrimas e minorar o seu soffrimento crudelissimo.

Bem poderá dizer-se que o humilde operario da Covilhã foi morto a tiro na eleição de 1910 defendendo os legitimos interesses da colligação eleitoral, quiçá as Instituições ... a Patria.

Pelo benevolo acolhimento que a nossa iniciativa com certeza receberá de V., nos confessamos desde já, com gratidão immensa

Covilhã, 8 de Setembro de 1910.

De V. etc.,

Manuel José Gonçalves dos Santos Gascão (progressista).
José Maria de Campos Mello (regenerador liberal).
João da Costa Ratto (nacionalista).

O Povo de Aveiro subscreve com 5$000

PROVINCIAS

Lagos

Terminaram as eleições, mas sem que não deixasse de haver a sua provocaçãosinha com insultos á mistura, que exporei na devida altura, sendo para lastimar que s. ex.a o Major General, que ultimamente soffre d'agudites de todas as especies, tenha entrado na contradança como par marcante. Faz-me pena que um homem de tantos merecimentos seja assim achincalhado como tem sido! E por ultimo os seus conterraneos, quando se suppunha que s. ex.a fosse muito votado n'esta cidade, attendendo á agudite intellectual e mais partes que concorrem na pessoa de s. ex.a, fazem-lhe a enorme desfeita de deitar uma lista, uma só, notem bem, com o nome de s. ex.a.

A um homem com tantos merecimentos e que no parlamento podia fazer uma brilhante figura pelos seus dotes oratorios, grande verbosidade, e demais a mais conhecendo a fundo as questões do credito predial... E' uma desconsideração que eu jámais perdoaria.

Fazendo eu ver a alguem esta grande injustiça, responderam-me: Você está enganado, o homem (assim se diz na ausencia) não é o que se suppõe! Dotes oratorios, tem, isso tem, mas cortaram-lhe pouco o freio de maneira a não lhe deixarem funccionar a lingua regularmente. Ri-me d'esta tolice. Além d'isso, você deve-se recordar das figuras que o homem tem feito e ao que se tem disposto. Já lhe chamaram *tambor* n'uma assembleia geral, em face d'um officio escripto por elle! Tem alcunhas sem conta! Uns chamam-lhe o *Major General*, outros o *Cáspiras*, outros o *tambor*. Já você vê que o homem não nos podia representar em côrtes por ser irrisorio. Todos lhe reconhecemos grande valor intellectual... Mas temos de pôr esse valor de parte. Além d'isso, você sabe dos dez mil reis que o homem pediu por serviços que não se prestaram e que foi vergonhoso?! Sabe das visitas que o homem fazia ao *consultorio cirurgico á porta de Portugal* (sem offensa aos cirurgiões) para alli ao dito consultorio chamar os eleitores e com elles discutir o credito predial, e atraz da discussão pedia-lhes o voto...

Ha até quem diga que o homem não teria duvida em ajudar a alguma operação caso os seus correligionarios necessitassem d'ajudante... Ora já você vê que um homem que desce tanto da sua gerarchia social... não póde ter o valor que você lhe quer dar. Sabe tambem dos insultos por elle dirigidos, na egreja, a um honrado homem que não foi votar com elle! Sabe da galopinagem pouco decente que s. ex.a fazia insultando os seus adversarios, chamando-lhes ladrões do credito predial, etc, etc.?

Se elle se achou com direito de zurzir um desgraçado que tinha resolvido a não o acompanhar com o seu voto e que não tem noções nenhumas da politica, nem creio que deva favores ao sr. Major General, pergunto: O que devem dizer algumas pessoas d'este Major General a quem encheram de favores e depois, como reconhecimento, lhes voltou as costas? Embuchei com tudo isto, não resta duvida alguma, e só pude responder: Sim, tem razão. Mas a grande intelligencia do homemsinho não compensa bem tudo quanto você disse?

(Continúa).

O POVO DE AVEIRO

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Raphael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento 102 a 104; Rozendo R. Gonçalves (Tabacaria Gonçalves), Rua de Santo Ámaro 1 a 5; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza dos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47; Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27; Tabacaria Machado, Palacio Foz, Praça dos Restauradores, 31 K; Domingos Silva, kiosque do Largo do Intendente; Antonio Maria da Silva, largo de S. Domingos, junto ao Quartel General.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa. 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho—Kiosque Reis; **Vizeu**—Kiosques do Rocio; **Chaves**—Annibal de Barros. **Villa Real**—Kiosque Trindade, **Alvorninha**—Paulino da Silva Mendes. **Estoril**—Alfredo Pinto, Buffete da Estação. **Villa Franca de Xira**—Tabacaria Marciano Mendonça. **Seixal**—Profirio Ferreira. **Mangualde**—Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem**—Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul**—José Augusto d'Almeida. **Fáro**—Francisco Matheus Fernandes. **Evora**—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Cortegana**, Alemquer—João dos Santos Pereira. **Paderne**, (Algarve)—Antonio Anacleto d'Oliveira.

Torres Novas—João Rodrigues Sentieiro. **Amarelleja**—**Moura**—Manuel Frade. **Castello Branco**—Vende-se pelas ruas. **Monte-mór-o-Novo**—Fortunato Reinata. **Tondella**—Mario do Carmo. **Pedrogam Grande**—Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova**—Christiano Pereira Barata. **Ançã**—José da Costa Neves. **Bragu**—Manuel Gonçalves Vaz, Kiosque Gonçalves. **Taboa**—Francisco da Costa Carvalho. **Monsão**—João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David. **Pinhel**—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres.

Vianna do Castello—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego**—Joaquim Valente. **Elvas**—Luiz Samuel da Silva. **Agueda**—Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã**—João Pereira Saraiva. **Santa Cruz da Graciosa**—Antonio Ernesto Esteves. **Fundão**—Belarmino Barata **Guarda**—José da Silva. **Arganil**—José Baptista de Carvalho.

Cadaval—Antonio Lopes Leal. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Alcochete**—Joaquim Valentim. **Santarem**—Vende-se nas ruas. **Coja** *(Arganil)*—Antonio das Neves Pimenta. **Castello de Vide**—Antonio Louenço Beliz. **Villa Viçosa**—Luiz Fillippe d'Abreu. **Vianna do Alemtejo**—Joaquim Antonio Carvalho.

Louzã—Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Coimbra**—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. **Oliveira do Hospital**—José de Mello Alves Brandão. **Alcobaça**—Antonio Vazão. **Gouveia**—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp. **Leiria**—Jayme Monteiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho, Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade *(o Varino)*. **Setubal**—Manuel Tavares. **Arronches**—Miguel Maria. **Certã**—Luiz da Silva Dias. **Santo Amaro (Oeiras)**—Francisco Mórem. **Mirandella**—Annibal Cunha.

Bragança—Manuel Benito. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa, Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira**—Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis**—Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caciro. **Nellas**—Agostinho da Costa Campos. **Alemquer**—João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe**—Almeida Guimarães & Alves. **Cabanas**—Julio Requixa. **Ponta Delgada**—**S. Miguel**—Café Tavares. **Guimarães**—Antonio Lopes Martins. **Esmoriz**—Paulino Rodrigues d'Almeida. **Olhão**—Antonio de Souza Gouveia. **Villa do Espinhal**—Augusto Duarte Bento. **Moita do Ribatejo**—Victorino Soeiro.

Povoa de Varzim—Marques & Carneiro. **Ilhavo**—Estabelecimento de Bernardo Razoilo. **Mira**—João Simões Marques da Cruz. **Estoy** *(Algarve)*—Fernando Martins Corial. **Ponte do Lima**—João dos Reis Sequeiro.

Nas Caldas da Rainha:
Tabacaria de José da Silva Dias.

BRAZIL

Rio de Janeiro—Livraria Schettino—Rua do Ouvidor, 18; —Rua 1.o de Março (esquina da rua do Ouvidor) ponto dos Jornaes; Braz Lauria—Rua do Ouvidor, 181; A. Moura—Rua da Quitanda, 114; Gare da Estrada de Ferro Central.

Manaus—Agencia Freitas.

Santos—José de Paiva Magalhães, rua de Santo Antonio, 84, 86.

Pará—Agencia Martins, T. Campos Salles, 15.

FILTROS Chamberland SYSTEMA **Pasteur**

Os unicos capazes de se opporem efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas

Approvados pela Academia de Medicina de Paris
Academia das Sciencias
Premio Montyon
Exposição Universal de Paris, 1900
DOIS GRANDES PREMIOS

J. L. de Meyrelles
DEPOSITARIO PARA PORTUGAL E COLONIAS
R. Nova do Almada, 79, LISBOA
REMETTEM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

AGENCIAS DE ANNUNCIOS
—DO—
POVO DE AVEIRO

Lisboa
L. de S. Domingos 20
JUNTO Á CALÇADA DO GARCIA

Porto
P. de D. Pedro, 9 e 10
TABACARIA TEIXEIRA

Artigos graphicos

Os melhores, os mais baratos, os mais resistentes, são os da casa PEDRO, MIRANDA & C.a SUC.res. Representante da Casa **J. G. Schelter e Guiescke** incontestavelmente a melhor fundição do mundo!

Material branco, **estrangeiro,** sempre em deposito, ao preço do nacional.

Pede-se a todos os srs. industriaes que não fechem as suas transacções sem consultarem os nossos preços.

Pedidos a

PEDRO, MIRANDA & C.a Suc.res
Rua da Picaria, 59—PORTO
Telegrammas «ADNARIM» **Porto.**

FARINHA LACTEA NESTLÉ
Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

Aguas CASTELLO DE MOURA

Explendidas e incomparaveis aguas de meza, com optimos resultados nas doenças da bexiga, rins, estomago, etc.

Deposito no norte do paiz:
26, Rua Mousinho da Silveira, 28
PORTO

Bebam as Aguas Medicinaes
DO
CASTELLO DE MOURA

Grandes Armazens
DO
Printemps de Paris

Ha actualmente em deposito, n'este escriptorio, um grande sortimento de cortinados **brise-bise** em condições muito vantajosas. Assim como tambem ha um grande e variado lote de artigos da estação de verão que será veudido por preço muito reduzido.

Escriptorio de reexpedição:
19, Largo de Camões, 19—Rocio
LISBOA

AGUA DA CURÍA
Semelhante á de Contrexéville
Estimula a acção dos rins que são os filtros do corpo humano.

Experimentae a
AGUA DA CURÍA

Representante e depositario em Lisboa:
Humberto Bottino
Praça dos Restauradores, 31-H
TELEPHONE: 3035

SE QUEREIS EVITAR a mordedura dos *MOSQUITOS* que a maior parte das vezes são os transmissores das febres empregae
As Pastilhas
Anti-Mosquitos-Query's
Premiadas em todas as exposições, assim como o papel mata-moscas:
CEMITERIO DAS MOSCAS
Exigir bem estas marcas.
Encontra-se em todas as drogarias.
Depositario: A. VINCENT
Largo de Camões, 19, 1.º, Rocio—LISBOA

HOTEL UNIVERSAL
Proprietarios:
RAMIRES & C.a
—Praça da Batalha—PORTO—
Hotel de primeira ordem installado no melhor sitio da cidade, com explendida sala de jantar, installações electricas, caixa de correio e explendidas casas de banho.
Preços diarios, a começar em 1$200 réis

Os que soffram de HERNIAS (QUEBRADURAS) e as senhoras que tambem soffram de dilatação do ventre, descida e queda do utero, rim movel, eventrações, obesidade, etc., não devem deixar de ler o folheto illustrado, com mais de 80 gravuras, A HERNIA E A VERDADE SOBRE A SUA CONTENÇÃO, que se envia GRATIS a quem o requisitar ao orthopedico M. MARTINS.
170, RUA DA MAGDALENA, 172
Em frente da Rua de Santa Justa—LISBOA

TROMOÍNA
A FARINHA ALIMENTAR DE MAIOR VALOR
Prof. Sousa Reis—PORTO

Empreza Cinematographica IDEAL
Manufactura Portugueza de Pellicula

Salão e Escriptorio
Rua do Loreto, 15 e 17
LISBOA

Atelier de pose e officinas
Cerca do Colleginho, 7
LISBOA

Endereço telegraphico: IDEALÃO

SUCCURSAES: No Porto, Paris, Berlim, Londres, Vienna d'Austria, Madrid, e em todos os Estados do Brazil.

Fornecimentos completos para animatographos, aluguer e venda de fitas completamente novas em Portugal. Projecções com luz electrica ou luz artificial em theatros, qualquer casa, ou de espectaculos, clubs, escolas e casas particulares, para o que tem pessoal habilitado.

Contractos especiaes para a Africa e Brazil

A Empreza Cinematographica Ideal é a unica que, devido ás suas bellas installações de POSE, pode apresentar assumptos genuinamente portuguezes, desempenhados pelos nossos principaes artistas e quadros panoramicos representando os melhores pontos e os mais bellos costumes de Portugal.

Mediante contracto especial a Empreza tambem se encarrega da tiragem de qualquer fita de reclamo a estabelecimentos, fabricas, officinas, etc.

Polpa Melaçada

E' hoje o alimento, por excellencia, preconisado para alimento dos cavallos, vaccas, porcos, ovelhas, etc., etc.

Unico importador para Portugal, Colonias e Brazil
Antonio Rosado Caeiro = Rua Augusta 240, 1.º-LISBOA

Vendas por grosso e retalho:
Rua do Amparo, 1—Rua Nova do Almada, 98
Calçada do Marquez de Abrantes, 64

ACCEITAM-SE AGENTES EM TODAS AS TERRAS DE PROVINCIA

"Cosmopolia,,

Revista mensal illustrada de litteratura internacional.

Redactor em chefe:
HOMEM CHRISTO, FILHO

Escriptorios da Redacção e Administração, da secção editora em todas as linguas, da organisação de traducções, salões de exposição e conferencias, gabinete de leitura contendo alguns milhares de volumes das litteraturas italiana, hespanhola, brazileira, portugueza, ingleza, turca, persa, allemã, hollandeza, japoneza, russa e revistas e jornaes de todo o mundo.

Faubourg Poissonière, 111—Paris

Com o concurso e collaboração effectiva dos mais eminentes escriptores e artistas da Europa e America, começará a publicar-se proximamente, a revista **Cosmopolia,** que tem por fim tornar conhecidas e apreciadas em França as litteraturas extrangeiras, para o que consagrará cada numero a um determinado paiz do mundo, contribuindo tambem para o desenvolvimento da moderna litteratura franceza, facultando as suas columnas a todos aquelles que, ainda novos e ignorados do grande publico, se imponham, no emtanto, por um verdadeiro e solido talento litterario.

O 1.o numero de **Cosmopolia** será, pois, publicado muito brevemente, logo que o sr. Homem Christo, Filho, que está no Brazil, d'onde seguirá para a Argentina, Chili, Uruguay e Paraguay, a fazer a propaganda da nova revista, regresse a Paris. Dadas as proporções colossaes que teem attingido os pedidos do 1.o numero, enviados de toda a parte, a Administração de **Cosmopolia** vê-se forçada, para regular a tiragem, a inscrever desde já os nomes d'aquelles que desejarem obtel-a.

Locaes de inscripção:

Em Paris: Faubourg Poissonière, 111.
Em Portugal: *Lisboa*—Tabacaria Monaco, Praça de D. Pedro.
Porto—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro.
Coimbra—Livraria F. França & Armenio Azevedo.
Aveiro—Redacção do *Povo de Aveiro.*

ASSIGNATURAS

França: Anno—Serie de 12 numeros, 24 francos. Semestre, serie de 6 numeros, 12,50 francos.
Extrangeiro: Anno—Serie de 12 numeros, 25 francos. Semestre, serie de 6 numeros, 13 francos.

Tisana depurativo Assis

Segundo o processo de Faro

Cura radical da syphilis em todas as suas manifestações.
Garante-se a sua efficacia.

Deposito geral
ASSIS & COMMANDITA
Rua dos Douradores, 32, 1.º—LISBOA

No Porto:
SANTOS & SANTOS—Rua das Flôres, 36

FRASCO	6 FRASCOS
1$000 réis	5$400 réis

RECOMMENDA-SE O
PAPEL PARA CIGARROS
ESTRELLA
ALCATRÃO ESPECIAL
A VENDA EM TODA A PARTE
CADA LIVRO 10 RS
J. WIMMER & C.º
LISBOA

Grande deposito
De moveis de ferro e colchoaria

Artigos de folha e zinco.

José A. de C. Godinho
54, Praça dos Restauradores, 56—LISBOA
TELEPHONE 2652

Tinta de copiar a secco

Sem molhar o papel e conservando os copiadores como novos. Economia de tempo e trabalho. Excellente resultado na pratica. Ultima novidade. Descontos aos revendedores.

Deposito geral:
Rua de S. Paulo, 9, 1.º—LISBOA
TELEPHONE: 2378
Rua de Santa Catharina, 32, 1.º—PORTO

PEÇAM CIMENTO IMPERIAL
CIMENTO PORTLAND SUPERIOR
IMPERIAL
Hoje o melhor
Insistir n'esta marca
VENDE-SE EM TODO O PAIZ

Deposito de barretes de todos os typos do fabrico d'este concelho

A mercadoria é posta á nossa custa na estação de Pombal.

O maior deposito de adubos chimicos na região do Zezere.

Este artigo que de anno para anno tem desenvolvido grandes vendas, pode expedir-se nas estações de Lisboa, Barreiro ou na Povoa.

Pedidos a *Manoel Rodrigues*—Largo do Adro—**Pedrogam Grande.**

Typographia a vapor
DO
Povo de Aveiro

N'esta typographia, montada com material extrangeiro, de primeira ordem, das casas Bauer, Schelter, Berthol, Klinkardt, Ingenfrost, Dietz & Listing, Albert & C.a, Turlot, se fazem todos os trabalhos typographicos, como livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de visita, bilhetes de estabelecimentos, memorandums, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a Francisco Manuel Homem Christo, proprietario e director do *Povo de Aveiro.*

O preço avulso do POVO DE AVEIRO é de 20 reis em todo o paiz.